



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

ADRIANO APARECIDO FERREIRA MELO

**LUDWIG FEUERBACH E A RELIGIÃO ENQUANTO
AFIRMAÇÃO DO HOMEM**

Londrina
2017

ADRIANO APARECIDO FERREIRA MELO

**LUDWIG FEUERBACH E A RELIGIÃO ENQUANTO
AFIRMAÇÃO DO HOMEM**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Filosofia do Centro de Letras e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Londrina como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Arlei de Espíndola

Londrina
2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

Melo, Adriano Aparecido Ferreira.

Ludwig Feuerbach e a religião enquanto afirmação do homem / Adriano Aparecido Ferreira Melo. - Londrina, 2017.
82 f.

Orientador: Arlei de Espíncola.

Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, 2017.
Inclui bibliografia.

1. Religião - Tese. 2. Filosofia - Tese. 3. Homem - Tese. 4. Deus - Tese. I. Espíncola, Arlei de. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Filosofia. III. Título.

ADRIANO APARECIDO FERREIRA MELO

**LUDWIG FEUERBACH E A RELIGIÃO ENQUANTO AFIRMAÇÃO
DO HOMEM**

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Departamento de Filosofia do Centro de Letras e
Ciências Humanas da Universidade Estadual de
Londrina

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Arlei de Espíndola
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr. Rodrigo Hayasi Pinto
Pontifícia Universidade Católica do Paraná -
PUCPR

Prof. Dr. Carlos Alberto Albertuni
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, 10 de julho de 2017.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador Prof. Dr. Arlei de Espíndola pela valiosa orientação, pelo apoio e pela amizade.

À minha esposa Thays Chaves que sempre me apoiou e me incentivou.

Ao meu amigo Marcio Morete que deu apoio e proporcionou várias discussões filosóficas.

Agradeço ao Prof. Dr Carlos Alberto Alberrtuni e o Prof. Dr. Charles Feudhaus pelas contribuições e comentários realizados na Banca de Qualificação.

Aos Prof. Dr. Rodrigo Hayasi Pinto e o Prof. Dr Carlos Alberto Alberrtuni pela participação na Banca de Defesa.

Muito Obrigado!

MELO, Adriano Aparecido Ferreira. **Ludwig Feuerbach e a Religião Enquanto Afirmação do Homem**. 2017. 83f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Estadual de Londrina, 2017.

RESUMO

O objetivo da presente dissertação é a de analisar o problema antropológico religioso em Feuerbach, no qual nos deparamos com consequências filosóficas e religiosas. A antropologia se torna um problema a ser discutido, porque é partir dela que Feuerbach dá uma solução à filosofia especulativa, ou seja, tudo o que é abstrato é afirmado como ente real e este ente real nada mais é do que o homem. Ao trabalhar esse tema, temos como hipótese a ideia de que a religião, vista como algo positivo, está fundamentada numa releitura da filosofia e da própria religião e ambas se encontram fundadas na antropologia. Com a repercussão positiva da religião temos uma estrutura materialista da mesma, pois a partir de Feuerbach a religião não trata mais do ser em abstrato, mas do ser real, assim também será a nova filosofia, uma religião e uma filosofia que se desenvolve com o verdadeiro ser. No centro de toda essa discussão está a antropologia, pois esta é a filosofia e a religião por excelência, a religião se torna antropologia e a filosofia é também antropologia e o homem só é afirmado como ente real a partir do momento em que se aceita essa releitura religiosa e filosófica.

Palavras-chave: Religião. Filosofia. Homem. Deus. Essência humana.

MELO, Adriano Aparecido Ferreira. **Ludwig Feuerbach and Religion as Affirmation of Man..** 2017. 83f. Dissertation (Master in Philosophy) – Universidade Estadual de Londrina, 2017.

ABSTRACT

The aim at the present dissertation is about analyse religious anthropological problem in Feuerbach, whose we face with philosophical and religious consequences. Anthropology becomes a problem to be discussed because from it that Feuerbach gives a solution speculative philosophy, that is, everything that is abstract is affirmed as a real entity and this real entity is nothing more than the human being. Working with this theme, we have as hypothesis the idea that religion, seen as something positive, is based on a re-reading of philosophy and religion itself and both are based on anthropology. With the positive repercussion of religion we have a materialist structure of the same, because from Feuerbach religion is not about deals with being in the abstract, but with the real being, so too will be the new philosophy, a religion and a philosophy that develops with true being. At the center of all this discussion is anthropology, for this is philosophy and religion for excellence, religion becomes anthropology, and philosophy is also anthropology, and man is only affirmed as a real being from the moment he accepts this Religious and philosophical re-reading.

Keywords: Religion. Philosophy. Man. God. Human essence.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
I A RELIGIÃO ENQUANTO UM TORNAR-SE ESTRANHO A SI MESMO	13
1.1 O SURGIMENTO DA RELIGIÃO COMO INSTINTO DE DEPENDÊNCIA	13
1.2 DEUS COMO OBJETIVAÇÃO DA ESSÊNCIA DO HOMEM	22
1.3 ESTRANHAMENTO DE SI MESMO.....	27
II A PROPOSTA DE UMA NOVA FILOSOFIA	35
2.1 CRÍTICA À FILOSOFIA E A TEOLOGIA ESPECULATIVA	35
2.2. FILOSOFIA COMO ANTROPOLOGIA E RELIGIÃO.....	44
III O AMOR ENQUANTO CONSUMAÇÃO DA RELIGIÃO	57
3.1 A ESSÊNCIA HUMANA	57
3.2 O AMOR E A COMUNIDADE	61
3.3 AMOR E SEXUALIDADE.....	67
CONCLUSÃO	72
REFERÊNCIAS	75

INTRODUÇÃO

O nome de Feuerbach, que traduzindo significa “ribeiro de fogo” (ALVES apud FEUERBACH, 1989, p. 7), está associado com a sua filosofia. Assim como o seu nome é caminho de fogo, sua filosofia queima a tradição especulativa religiosa, de modo que não tem como perpassar por ela sem se queimar ou queimar o autor, e, fazendo jus ao seu nome, foi punido como arsonista¹ acabando por viver o exílio intelectual. Ludwig Andreas Feuerbach nasceu em Landshut em 1804 e morreu em Rechenberg em 1872. Filho do jurista Paul Johann Anselm von Feuerbach, nosso filósofo é um autor pouco conhecido no meio acadêmico; na maioria das vezes o contato que há é mais por intermédio das *Teses sobre Feuerbach* escritas por Marx do que pelo próprio pensador, ou como o autor d’*A essência do cristianismo*, em que consideramos como sendo a sua obra mais importante. Mas não podemos descartar a importância de outras obras dele como, por exemplo: *A essência da religião*, *Preleções sobre a essência da religião*, *Princípios da filosofia do futuro*, obras essas que complementam o pensamento do autor e que nos possibilitam defender que ele não pode ser considerado como um filósofo de transição entre Hegel e Marx ou ser considerado um pensador superficial como afirma Karl Riedel: “seria de desejar muito se Feuerbach dedicasse a uma atividade definida. Em esferas mais próximas da vida e da arte, deixando para outros as compilações acadêmicas”² (RIDEL apud FEUERBACH, 1982c, p.3). O que percebemos no filósofo de Landshut é um autor instigante, provocativo e ousado, que incinera a teologia e a filosofia especulativa para colocar a antropologia em seu lugar.

O objetivo do nosso trabalho é apresentar o problema antropológico religioso em Feuerbach, que tem consequências filosóficas e religiosas em sua filosofia. Ao trabalhar esse tema, vamos perceber que a religião tem uma ressonância positiva e outra negativa. Este é o estilo de divisão que percebemos n’*A essência do cristianismo*, e que o autor, ora está criticando a religião ora a está destacando-a como algo positivo (TOMASONI). Para que isto seja compreendido tem-se a necessidade de falar o que da religião Feuerbach está criticando e também o que ele entende por religião.

¹ Arsonista é uma pessoa que gosta de ver o circo pegar fogo, usando linguagem popular. Foi considerado um pelo fato de ter criticado duramente a religião e não se importar com as críticas sofridas, como ele mesmo descreve no prefácio à segunda edição d’*A essência do cristianismo*:

² Esta citação encontra-se na carta que Feuerbach direciona a Riedel, mas são palavras de Riedel segundo Feuerbach. Ele apresenta esta citação para dar uma resposta a ele.

N'A *essência do cristianismo*, Feuerbach, define a religião como “consciência que o homem tem de si mesmo”. Falar que a religião é uma consciência de si é defender a ideia de que o homem é capaz de conhecer a si mesmo: é um processo de autoconhecimento; mas essa definição de religião só está levando em consideração uma religião específica: o cristianismo; a definição tirada de suas obras é a da religião como manifestação da totalidade do real, pois ela trabalha com o todo do real; porque no real se manifesta o sagrado.

Ora, falar que religião é a manifestação do real é defender a ideia de que o agente principal da religião, o homem, é um ser de relações, pois toda a realidade pertence à religião e a religião busca dar ao homem aquilo que ele necessita. Ou seja, o ser divino da religião é o ser cujo o qual o homem depende, está relacionado com ele, este ser divino pode ser a sua essência, como é no cristianismo, ou algo fora dele como um animal, como se vê no hinduísmo. Para poder desenvolver essas ideias, dividimos o nosso texto em três momentos que permite observamos uma estrutura lógica, pois partimos desde o surgimento da religião, passando por um momento de crítica feita à filosofia e a mesma e, por fim, consumando-se numa das dimensões da essência humana.

Num primeiro momento, buscamos desenvolver a ideia *da Religião como algo estranho a si*, com o objetivo de demonstrar que a ideia que estamos defendendo é consequência de um sentido negativo da religião, mas percebendo que na visão negativa é possível encontrar algo de positivo. O que é negativo não é a religião e sim a elevação do seu objeto à transcendência, ou seja, Deus deixa de ser algo real para ser algo abstrato. Ele deixa esse lado metafísico da religião e adota uma ideia de objetivação do ente divino. O processo de objetivação se dá a partir do momento em que Feuerbach reconhece que a religião é a consciência primeira que o homem tem de si, e já manifesta nessa consciência o seu objeto. Quando a objetivação não é reconhecida, o homem deixa de adorar a sua essência e passa a adorar um ente diferente; quando isso acontece ocorre o processo de alienação. Mas tanto a alienação religiosa quanto a objetivação estão ligadas a um ponto: o surgimento da religião. Seja a religião entendida como alienação ou objetivação, ambas têm o início no sentimento de dependência, com isto, ela pode ser considerada algo inata ao homem. A religião busca satisfazer as necessidades humanas, seja ela relacionada a algo físico ou a algo interno; é buscando satisfazer essas necessidades é que surgem os entes divinos, como alguns animais ou algo transcendente, como é o caso do cristianismo.

Após apresentar a religião como objetivação, como alienação e o que leva o seu surgimento, partimos a analisar a nova filosofia proposta por Feuerbach. Essa nova filosofia é uma negação do espírito religioso teológico (metafísico), uma re colocação da religião no seu lugar próprio: na realidade sensível. Para o desenvolvimento dessas ideias, partimos de um processo dialético feito por Feuerbach; o problema do infinito: só podemos falar do infinito, levando em consideração o finito, pois a verdade do infinito é uma verdade indireta e invertida, porque só podemos reconhecer a existência do infinito quando é determinado, quando não se expressa como infinito e sim como finito, limitado, “então o finito é em verdade o infinito”. Este é o processo de negação da filosofia vigente (especulativa); nega a infinitude para colocar em seu lugar o limitado, ou seja, o homem como sendo o início da filosofia. Com isto, Feuerbach abre espaço para o seu problema antropológico em que essa nova filosofia é antropologia e religião. A filosofia é religião, porque a religião trabalha com os mesmos problemas que a filosofia: homem e natureza; busca colocar o homem na condição de ser de relações com o outro e com o mundo.

E por fim, consumamos nossa reflexão tratando de uma das essências divinas que se encontra no homem: o amor (coração). O coração é a representação da religião enquanto algo positivo, pois a partir do amor é que podemos falar em comunidade, relação e realidade. Há aqui uma relação fundamental com a forma como ele entende a religião e o seu surgimento, porque ela sendo o todo da realidade e se desenvolvendo a partir do sentimento de dependência está nela enraizada o amor, porque nos relacionamos com tudo o que está em nossa volta e com o outro, com isto somos seres dependentes e determinados e se nos relacionamos com o outro a ideia de comunidade é algo essencial, e falar de filosofia só tem sentido se levarmos em consideração o princípio do diálogo, chave da antropologia feuerbachiana que é a religião.

Para discutir o tema, temos como apoio textos do autor, como *Princípios da filosofia do futuro*, e para auxiliar na leitura desta obra recorreremos à *Necessidade de uma reforma da filosofia* e às *Teses provisórias para uma reforma da filosofia*. Nas obras citadas, encontramos a relação que o autor faz entre filosofia e religião, em que se preocupa com o real ou ser real, que é o homem; nós nos deparamos com a redução antropológica, que será de grande importância para compreender a religião em seu sentido positivo. Temos como auxílio, também, *A essência do cristianismo*, obra mais conhecida do filósofo; nela encontramos a objetivação, a alienação, a redução antropológica assim como a realização da

essência humana no amor, que é uma essência religiosa. Esses são os principais textos para a discussão, mas isto não nos isentou de utilizar outros textos do pensador como, por exemplo: *A essência da fé segundo Lutero; Essência da religião; A diferença ente a divinização dos homens no paganismo e no cristianismo e as Preleções sobre a essência da religião.*

O tema se faz importante pela relação feita entre ser e comunidade e pela influência que o ateísmo teve no século XX. Abordar a religião em Feuerbach é desenvolver uma antropologia e uma nova filosofia, pois trabalha com o ser real e sua relação com o outro e com a natureza, entes divinos segundo o pensador. O método utilizado pelo filósofo de Landshut é o “genético-crítico”, no qual vai buscar na história, nas narrativas e alegorias imagéticas da religião o princípio humano que deu origem à gênese religiosa para compreender o que é a religião e como ela atua sobre os homens. A escolha pelo tema se dá por, na maioria das vezes, os leitores enxergarem o pensador como um crítico negativo da religião e não levarem em consideração o outro lado da religião, de ela ser inata e servir como um meio de libertação do homem, pois é um processo de conhecimento de si.

Por fim, o trabalho é desenvolvido a partir da realização de uma pesquisa bibliográfica, de uma investigação teórica, valendo-se da análise de obras do filósofo Ludwig Feuerbach e de comentadores como Enrico Rambaldi, Adriana Serrão, Francisco Hidalgo, Tomasoni e outros especialistas na temática bem como outros pensadores que tratam o tema em foco. Utilizamos-nos, em especial no caso de Feuerbach, dos textos traduzidos ao português, espanhol e italiano, bem como buscamos cotejar, em certos momentos, os originais em alemão, visando o comparativo entre as traduções de maneira a tentar garantir maior fidelidade aos argumentos autor.

I A RELIGIÃO ENQUANTO UM TORNAR-SE ESTRANHO A SI MESMO

1.1 O SURGIMENTO DA RELIGIÃO COMO INSTINTO DE DEPENDÊNCIA

A ideia de discutir o surgimento da religião tem como finalidade apresentar como o nosso autor compreendeu a religião e o objeto religioso; ora, esta temática se encontra ligada diretamente com a compreensão da religião como algo alienante ou como algo objetivo. Buscar compreender o surgimento da religião em Feuerbach é se deparar com uma crítica à tradição filosófica e religiosa.

Em a *Essência da religião*, Feuerbach, discute o que leva o surgimento da religião; esta obra busca superar uma lacuna deixada pela *A essência do cristianismo*, pois essa apresenta a essência da religião cristã sozinha e isolada, enquanto a *Essência da religião* desenvolve “a essência da religião em geral, da pré-cristã, como da religião natural pagã” (CHAGAS, 2014, p.85) e ao discutir sobre a essência da religião em geral, Feuerbach, se depara com o surgimento da religião.

Para nosso autor a religião é algo inato ao ser humano; é inato porque está associada com o instinto, ou seja, algo que não pode ser eliminado do ser humano, está na própria essência humana o ato de buscar uma divindade. Ora, para alguns é o medo que gera a religião, mas Feuerbach não concorda com essa ideia do medo como aquilo que gera a religião, porque o medo segue-se em um sentimento oposto uma vez que o perigo passou. Seguindo o raciocínio de Feuerbach, não estamos buscando negar a religião, mas demonstrar como ela surge e se fundamenta na história; com isto, tem-se a intenção de demonstrar uma reinterpretação da religião e do objeto religioso e que ela está atrelada a algo que o homem depende, seja material ou não.

Em Feuerbach, o problema religioso está atrelado com o problema filosófico, isto é, ele apresenta uma nova maneira de conceber o pensamento filosófico e o pensamento religioso associando ambos a uma filosofia prática, sem essencialismo ou metafísica. A filosofia, entendida como filosofia prática, é inconciliável com a teologia, pois os argumentos teológicos centram-se em querer demonstrar a existência e as propriedades de Deus enquanto ser metafísico; assim também é a filosofia especulativa, a qual busca tratar da abstração, assim como a teologia. Todavia, ambas são incompatíveis com a religião, mas a religião

entendida enquanto acontecimento da vida humana, tendo como centro o homem. Por mais que a religião parta de uma fisiologia³, como ele a apresenta na *Essência da religião*, ela tem como foco o homem, porque somente ele é capaz de atribuir sentido à natureza, ou ainda “ela é o fundamento da vida humana” (FEUERBACH, 1989, p.28). A natureza pressupõe o homem, ela é a causa e o fundamento do homem, mas ela só se torna consciente e inteligente por causa do homem.

Aqui temos que fazer uma ressalva em relação à divindade; tanto na *A essência do cristianismo* como na *Essência da religião* não há um endeusamento⁴ do homem e nem da natureza. O que ele pretende é designá-la como meta do próprio homem (e) apresentar as suas qualidades humanas; assim também é com a natureza. Em relação à natureza, ele não a quer divinizar no sentido teológico e nem como o panteísmo “ao designá-la como o fundamento da existência humana, como a essência da qual o homem deve saber depender e da qual é inseparável” (FEUERBACH, 1989, p.40); essa condição de relação homem e natureza, que demonstra uma inseparabilidade entre elas, é aceitar a imanência da divindade a partir do pensamento feuerbachiano, porque ambos assumem uma condição divina, mas materialista. Ora, fazemos esta afirmação, pois o depender é o primeiro ato do surgimento do ser religioso e a inseparabilidade reafirma a dependência, uma vez que não conseguirmos e não podemos nos separar daquilo no qual somos totalmente dependentes; isto é, o homem sem o seu ser divino é um ser sem sentido no plano existencial. Um ser sem sentido é um ser que não reconhece a sua essência e que não se relaciona; é uma relação egoísta, entendendo esse egoísmo como um eu único e não como amor de si como compreende Feuerbach. Isto não é nada mais do que tratar as coisas como de fato elas são, sem desconsiderar seus defeitos e falhas.

³ “Numa palavra: a natureza (fisiologia) é o fundamento do homem (antropologia). Procurar-se-á evidenciar que tal transição no pensamento de Feuerbach trás uma profunda mudança no tocante à sua relação com o sistema hegeliano. Nossa justificativa consiste no fato de que, para Feuerbach, não só a teologia, mas sua forma de filosofia sublimada, isto é, a filosofia de Hegel, deve ser inteiramente esclarecida. Em face desse esclarecimento, como ponto de partida positivo da nova filosofia ou “filosofia do futuro”, aparece o homem racional concreto na sua relação fundamenta com a natureza, e, enquanto aspecto ético e social, a relação EU-TU e o amor” (SOUZA, 2013, p.46). Ver também a ideia de Feuerbach sobre a filosofia da natureza. FEUERBACH, L. *Xiene satirico-teologiche*, 2000, p.65.

⁴ Feuerbach não faz do homem, como tolamente foi objetado, um Deus no sentido da fé teológico-religiosa, ele o analisa em seus elementos humanos e antiteológicos como é possível conferirmos em FEUERBACH, L. *Preleções sobre a essência da religião* 1989, p.39.

O não reconhecimento desta condição de relação e dependência é o que podemos chamar de ateísmo. O ateísmo⁵ é fortemente defendido na sociedade contemporânea, partindo de Tomasoni afirmamos que: partindo da ciência, grandes nomes da atualidade como Richard Dawkins⁶, afirmam “fortemente a necessidade do ateísmo” (2015, p.33). O negar o ser religioso é uma condição para se fazer ciência na contemporaneidade, mas a crítica ao ser religioso da contemporaneidade não atinge a Feuerbach, pois Deus e religião para o nosso filósofo são entes diferentes da tradição teológica e filosófica; ambos surgem de uma forma real e crítica científica não os afeta, porque a ciência, assim como Deus, trabalham com o que é concreto. A ciência torna a religião teologizada algo supérfluo, uma mentalidade antiga e negativa. Feuerbach tem consciência da importância da religião e isto podemos perceber, de imediato, n’ *A essência do cristianismo*, na qual a primeira parte, que trata da religião e seu acordo com a essência humana, é mais desenvolvida do que a segunda parte, que trata da religião e o desacordo com a essência humana. Não podemos negar que Feuerbach foi influenciado pelo positivismo, o que diferencia ele dos pensadores que a partir do positivismo fundamentaram a ciência, é a consciência de que a “a religião tange problemas mais profundos, existenciais, e que a ciência é circunscrita dentro de barreiras e finalidades dadas” (TOMASONI, p. 35). Ao adentrar no cristianismo, Feuerbach percebe o homem como um ser complexo e que não foi devidamente compreendido pela filosofia especulativa que o compreendeu no âmbito da razão. A razão é necessária para entender-se o homem e também a divindade; ela é o ponto de partida, porque “Deus é a objetivação da razão” (TOMASONI, p. 35), ou, antecipando as palavras de Feuerbach: Deus pensado como algo que se encontra fora do homem, como não-humano “é a essência objetivada da inteligência” (FEUERBACH, 2007a, p.63). Mas a divindade não se resume na razão, pois se assim fosse ele estaria preso à filosofia especulativa; ele propõe um confronto entre lei e o coração. A razão nos impõe uma lei incondicional, já o “coração compadece do pecador” (FEUERBACH, 2007a, p. 75). O coração afirma a divindade como um ser real, como um ser humano. O amor (coração) é fundamento da filosofia do futuro. O que nosso autor está querendo mostrar é que somente no

⁵ Podemos afirmar que Feuerbach é ateu no sentido em que estamos tratando “a crença ortodoxa que como tal associa a religião a um objeto exterior” (FEUERBACH, 2007a, p.43), mas quando estamos diante da sua filosofia encontramos uma forma diferente de entender o ateu, porque “um ateu legítimo, isto é, um ateu no sentido vulgar é então aquele para o qual os predicados da essência divina, como, por exemplo, o amor, a sabedoria, a justiça, nada significam, mas não aquele para o qual o sujeito desses predicados nada significa. E de forma nenhuma é a negação do sujeito também necessariamente a negação dos predicados em si” (FEUERBACH, 2007a, p.51).

⁶ Richard Dawkins (1941) é um etólogo (aquele que estuda o comportamento animal) e biólogo evolucionista. É considerado um dos grandes nomes do ateísmo contemporâneo.

amor, sentimento em geral, que cada homem irá reconhecer a verdade da filosofia; para ele o sentimento não se relaciona com seres abstratos ou metafísicos, mas com “objectos e seres reais e sensíveis” (FEUERBACH, 2002, p. 81). Quando Feuerbach está referenciando o coração (amor) está falando do homem concreto, ele não quer “partir em sua própria filosofia de nenhum princípio divino ou ser absoluto, mas do homem e apenas do homem” (FEUERBACH, 2002, p. 81). Mas quando estamos falando do homem feuerbachiano estamos entendendo o “homem tal como ele se encontra na existência concreta e em sua inserção na natureza” (FEUERBACH, 2002, p. 81) “O primeiro objeto do homem é o homem; ‘O homem é, para si, a medida de todas as coisas, de toda a realidade’. Por isso, deve-se ‘fazer do homem a questão da filosofia’” (WEISCHEDEL, 2006, p. 270). Como vimos anteriormente, não há uma negação da divindade em nosso autor, e a religião é algo necessário, pois é o princípio diferenciador entre os humanos e os animais: os animais não têm religião⁷. Não é somente a razão o que diferencia o homem dos animais como é colocado na filosofia especulativa. A razão é apenas uma parte do humano, mas não o homem em sua totalidade. O homem completo é composto de razão, vontade e amor; essência divina do homem. Pela religião tornamo-nos diferentes em relação aos animais, mas isto não quer dizer que os animais não sirvam como uma divindade para os humanos. E o que faz com que o homem adore alguns animais ou um Deus transcendente como no cristianismo? A dependência dele em relação a estes animais, objetos ou a uma perfeição (entidade perfeita). O sentimento de dependência é o fundamento da religião e o objeto mais primitivo da religião é a natureza. A natureza é o primeiro objeto da religião, pois ele depende dela, mas não da natureza em geral e sim da natureza particular, ou seja, “não depende da terra em geral, mas deste solo e desta terra; não da água em geral, mas desta água, deste rio e desta fonte” (FEUERBACH, 2005, p.25). A natureza é entendida como “objetos que o homem diferencia de si mesmo e de suas próprias produções” (FEUERBACH, 2005, p.23); é tudo aquilo que está fora do homem e dessas coisas é que nos tornamos dependentes. Quando foi defendido por Feuerbach que o “sentimento de dependência” é o “fundamento da religião” ele foi zombado pelos filósofos especulativos⁸. Esse sarcasmo já é perceptivo desde quando Hegel não leva a sério Schleiermacher, pois este fez a afirmação do instinto de dependência que se encontra na religião, por conseguinte Hegel o ironiza afirmando que “conforme essa doutrina também um

⁷ Segundo Feuerbach: “A religião se baseia da diferença essencial entre o homem e o animal – os animais não têm religião” (FEUERBACH, 2007a, p.35).

⁸ Os filósofos especulativos são aqueles que não levam em consideração o real, tais como Espinosa, que para Feuerbach é o criador, Schelling é o seu restaurador e Hegel levou-a ao pleno cumprimento.

ção tem que ter religião porque sente-se dependente de seu dono” (HEGEL apud FEUERBACH, 1989, p.30). Podemos falar que a religião surge no homem como um sentimento de dependência, pois este ato é a dependência do homem não existir sem um ente diferente de si, como ele afirma na *Essência da religião*.

Alguns, assim como os “antigos ateus” os “povos mais rudes da África” da “Ásia do Norte” e da “América”, buscam explicar o surgimento da religião a partir do medo; assim também é o cristianismo. O medo não é uma explicação suficiente e completa para explicar a origem da religião. Não atribuímos ao medo, porque uma vez que o perigo tenha cessado, o medo segue-se em um sentimento oposto; encontra-se preso no mesmo objeto um sentimento de conforto. Precisa-se ter um pouco de atenção, defendeu Feuerbach, pois podemos querer atribuir o sentimento de conforto e de alegria a um ser distinto do que causou o medo. O sentimento oposto é o “da libertação do perigo, do medo da angústia, é o sentimento do arrebatamento, da alegria, do amor e da gratidão” (FEUERBACH, 1989, p.33). Ora, “o mesmo Deus que destrói árvores, animais e homens através de seu raio é o mesmo que reaviva os campos e prados através de sua chuva” (FEUERBACH, 1989, p.33).

A nossa dependência em relação a objetos, animais ou um ser transcendente é uma demonstração de um egoísmo, pois adoramos aquilo que julgamos ser útil para nós. Que sentido tem a existência de Deus se ele não me for útil? Se ele não propor benefícios ao indivíduo não tem sentido a sua existência. Partindo da ideia de Deus nos ser um ser útil, o homem religioso é um ser egoísta, pois “renuncia à sua própria pessoa, mas em compensação é para ele, Deus, o ser plenipotente e ilimitado, um ser pessoal” (FEUERBACH, 2007a, p.57); ele renega a dignidade humana buscando um ser que se compara a ele: Deus um ser egoísta, que tudo só quer a si, a sua honra e a sua vantagem. Mas o egoísmo não é colocado num patamar negativo, ele é o amor de si; somente amo o outro quando amo primeiramente a mim. A religião irá proporcionar este amor, em que se dá entre os entes sagrados: homem e natureza. Esta importância dada por Feuerbach à religião fez com que ele afirmasse que ela é o “fundamento da vida humana” (FEUERBACH, 1988, p.28). É fato que várias culturas adoraram animais, assim como o cristianismo adora um Deus transcendente.

Em *A essência do cristianismo* é demonstrado um Deus não como um ser estranho, “anteposto a ele” (FEUERBACH, 2007a, p.63), diferente do humano, mas um Deus íntimo ao humano; temos um confronto entre o que os cristãos pensam ser Deus e o que eles atribuem

ao homem: “Deus é eterno, o homem transitório; Deus é plenipotente, o homem impotente; Deus é santo, o homem pecador. Deus e homem são extremos” (FEUERBACH, 2007a, p.63). É este confronto que causa a dependência, pois toda perfeição divina coloca o homem diante das suas limitações e fraquezas e uma grande limitação é a morte. A morte é o reconhecimento da finitude humana, e o sentimento de dependência mais delicado, pois o homem pode realizar grandes feitos, mas a morte é o que há de certo. A morte imprime no homem um sentimento de limitação, no qual ele não depende só dele, ele não pode viver o tanto que ele quiser.

No cristianismo temos uma dependência do homem para com o seu “criador”, um homem preocupado em retornar ao seu Deus e de viver no paraíso, do qual foi expulso; podemos entender este paraíso como a vida pós morte, ou como afirma Santo Agostinho, “[uma vida feliz está em procurar a Deus, pois] quando Vos procuro, meu Deus, busco a vida feliz. Procurar-Vos-ei, para que a minha alma viva. O meu corpo vive da minha alma e esta vive de Vós” (AGOSTINHO, 1997, p.185). O cristianismo busca confortar os menos favorecidos, defendendo uma igualdade no paraíso, em que não há ricos e nem pobres; por uma necessidade egoísta de ser reconhecido (seja em vida ou em morte) faz com que nós dependamos de um ente perfeito. Somente Deus, para os cristãos, é capaz de propor esta igualdade. O sentimento de dependência no cristianismo não se resume ao econômico, mas também numa busca constante da perfeição e superar as limitações ou desenvolvimento das capacidades do humano. Somos limitados, e o homem sentindo-se limitado e finito passa acreditar em um ser ilimitado e infinito: Deus.

É aí que a religião, “enquanto manifestação da infinitude de Deus, oferece ao homem essas características perfeitas e o homem revela-se na possibilidade de ver os seus desejos de infinitude realizados na figura de Deus” (MERUJE, 2010, p.9). A religião sendo algo próprio do ser humano faz com que ele necessite de um ente superior, um ser perfeito; pois soa estranha a não existência de um ser pleno, principalmente para a origem do universo ou a própria criação dos seres; há a necessidade de propor um criador para o mundo, não reconhecendo a “criação do universo em si mesmo” (FEUERBACH, 2007a, p.107).

Em *A essência do cristianismo*, Deus é tido como uma necessidade (instinto de dependência), quando o homem encontra-se infeliz, pois na infelicidade o homem se relaciona com o que é necessário, relaciona-se consigo mesmo. Quando tudo na vida parece estar um

caos, Deus surge como um conforto. O homem é carente de Deus, sem a ideia de Deus o homem fica perdido, ou melhor: ele é dependente de Deus.

A dependência humana faz com que a religião surja como uma necessidade de manifestar o sagrado, e ao surgir o homem colocou Deus para fora de si e o adorou como um ente supremo. Este ato de adorar a essência humana é a essência da religião cristã, e também a primeira definição de religião dada por Feuerbach, pois em *A essência do cristianismo* a religião é compreendida como “a consciência primeira e indireta que o homem tem de si mesmo” (FEUERBACH, 2007a, p.45); essa consciência é a consciência da sua essência que nada mais é do que a “razão”, a “vontade” e o “coração”; isto é, o que há de mais perfeito e pleno no homem. Podemos perceber que a religião tem a sua condição de possibilidade na vida interior. Diversamente dos objetos sensíveis, que reproduzem elementos do mundo exterior, o objeto religioso, do cristianismo, habita a consciência sem que lhe corresponda qualquer coisa sensível.

Tratando desta questão que envolve a consciência, ou vida interior, Serrão afirma que:

Mesmo que pudesse comparar-se a outros conteúdos mentais, como as ideias abstratas ou os produtos da atividade pensante, acresce que este conteúdo que é “o objeto mais íntimo, mais próximo de todos” (GW 5, 45), possui ainda outra particularidade: é um objeto eleito, sempre associado a uma ideia de preferência e de valor, e mesmo de valor supremo, que não só o coloca acima dos sensíveis mundanos mas também dos produtos das faculdades cognoscitivas. Deus é este objeto ao mesmo tempo mais íntimo e mais elevado (2014, p.29)

O homem não reconhece a sua perfeição, por isto coloca a divindade para fora de si, tornando-se assim alienado.

A partir de alguns exemplos históricos, podemos perceber que a religião é a qualidade ou característica de um ser que se relaciona com outro. Demonstra no ser o seu sentimento de finitude; sentimento de dependência e sentimento de finitude são a mesma coisa.

Associando o sentimento de dependência aos animais, e aqui estamos falando de alguns animais que se tornaram divindades para o homem, afirmamos que “os animais são seres indispensáveis para o homem” (FEUERBACH, 1989, p.42). A contribuição dos animais para a vida humana é vasta, pois somente atingimos o estágio da cultura com a ajuda dos

animais e a adoração deles como Deus se dá por causa da dependência da sua existência em relação a determinados animais, ou seja, ele objetiva apenas o valor que atribui a si e a vida.

Podemos encontrar nas *Preleções* citações de várias obras que discutem sobre os animais como objetos de adoração por alguns povos⁹ e nelas o que se destaca por nosso autor são os animais e objetos que são adorados. É destacado por ele, por exemplo, as lhamas que são adoradas como sagradas por muitos peruanos; destaca também a adoração dos hindus em relação ao touro e que para estes também todas as cobras são sagradas. Os devotos budistas e mais os jainas ou dschainas (seita dos hindus próxima do budismo) consideram qualquer aniquilamento do mais ínfimo verme como um pecado como se fosse um crime a qualquer ser humano. São apenas alguns dos exemplos citados pelo nosso autor; citamos tribos antigas, religiões milenárias como o hinduísmo; mas que importância tem o animal ainda hoje?

Buscando um sentido para esta questão, temos como resposta a afirmação que “os animais eram seres necessários para o homem” (FEUERBACH, 1989, p.43). Aquilo que é necessário é aquilo de que eu dependo; observando desta forma, a natureza animal tornou-se objeto de adoração animal da mesma maneira que a natureza geral, porque assim como a natureza geral é o “princípio fundamental da existência humana” (FEUERBACH, 1989, p.43), assim também é compreendida a natureza animal. O que queremos ressaltar aqui é que o culto aos animais se dá em uma cultura que se iniciava, uma cultura primitiva mas que não se perdeu, pois os animais ainda são adorados. Ao rirmos dos cultos aos animais entramos em contradição, pois ainda consideram um cão como se fosse um ser humano. O cão, além de ser comparado com um ser humano, tem uma importância significativa para o caçador e para o pastor, ou seja, “que é o caçador sem o cão de caça, o pastor sem o cão pastor, o camponês sem o boi?” (FEUERBACH, 1989, p.43). A dependência aos animais ainda é algo constante na sociedade vigente, como podemos perceber.

Em suma, o sentimento de dependência está na origem da religião, pois ela surge a partir do momento em que passamos a depender de algo, com isto passamos a divinizar determinados objetos ou animais, como o texto buscou apresentar. Ao propor este sentimento como o princípio da religião, Feuerbach, combateu a alienação religiosa, por conseguinte a ele atinge a filosofia especulativa, e metodologicamente ele busca solucionar o problema de

⁹ Eis algumas das obras citadas por Feuerbach relativas ao assunto: *Costumes dos habitantes primitivos do Brasil* de Martius; *Enciclopedia* de Ersch e Gruber; *A antiga Índia* de Bohlen; *História geral crítica de todas as religiões* de Meiners.

ambas. Ao colocar o sentimento de dependência como a origem da religião damos ênfase em seu sentido positivo, buscando perceber a objetivação proposta por Feuerbach e ao mesmo tempo perceber uma negação para se ter uma afirmação, pois como ele mesmo afirma: “nego apenas para afirmar” (FEUERBACH, 1989, p.28). Há uma concatenação entre os três tópicos, pois a forma como se conceitua a divindade pode ser uma objetivação ou alienação, mas ambas têm sua origem no sentimento de dependência.

Temos consciência de que não é possível aceitar as afirmações de Feuerbach sem uma compreensão do que seja a filosofia, uma vez que ela desenvolve os mesmos problemas da religião. Para que isto aconteça há a necessidade de uma reinterpretação da religião e, por conseguinte, da filosofia; ela será aquilo que de fato tem que ser, e não mera quimera, fundamentando-a a partir da sua origem. Buscando dar uma consistência ao tema principal, temos a necessidade de apresentar a proposta de uma nova filosofia em Feuerbach, negando a tradição e afirmando um novo propósito ao fazer filosófico, que é colocando a objetivação dentro da filosofia. Assim como a objetivação não é algo ruim, a religião em sua origem é boa, mas se deteriora; e ao deteriorar-se é ainda religião. Tem-se a necessidade de diferenciar teologia e religião, e nos argumentos do capítulo que segue buscamos deixar claro que Feuerbach está se distanciando da especulação teológica e da filosofia especulativa, para fundamentar a filosofia do futuro.

A partir dos escritos de Feuerbach, percebemos que a religião continua a ser o lugar de manifestação do divino (Deus), o que se transforma é a compreensão deste divino que foi apresentado erroneamente e intencionalmente pela tradição. A perda da essência metafísica da divindade faz com que Feuerbach seja tachado como ateu; mas até que ponto podemos atribuir a Feuerbach um ateísmo? É fato que o nosso autor pensa Deus como um ser real, seja ele a natureza ou as qualidades perfeitas do homem; ora, de alguma maneira há uma crença na existência da divindade. Se ele acredita na divindade como sendo o real, ser ateu seria negar a realidade sensitiva em prol de uma vida celeste, é o mesmo que negar as qualidades humanas e as qualidades da natureza; ser ateu nada mais é do que recusar a existência. O fato de o homem existir como um ser concreto faz com que ele dependa das coisas, seja ela perfeita ou material e também a existência faz com que a religião seja compreendida de maneira materialista, porque é na existência real o lugar de manifestação do sagrado.

1.2 DEUS COMO OBJETIVAÇÃO DA ESSÊNCIA DO HOMEM

Feuerbach irá defender, segundo Rambaldi, que “Deus é a objetivação da essência genérica do homem” (RAMBALDI, 1966, p.52), é algo que está no próprio homem. Se o homem proclama Deus como seu objeto, isto significa que sua consciência vê sua essência genérica como Deus, isto é inverter sujeito e predicado, é a redução antropológica. Tudo que a religião apresentou até agora, Deus como inteligência suprema e sabedoria, é derivado da essência humana, é a essência do homem elevado à essência genérica, é recolocar o sujeito e predicado em seus devidos lugares, pois o sujeito não pode derivar do predicado e sim o contrário, o predicado deriva do sujeito, com isto, a religião (cristã) não prega um predicado diferente do sujeito, está no sujeito (homem), não se relaciona com um ser diferente; afirmar o contrário é definir a religião como uma relação do homem com algo diferente dele, com um ser diverso.

A objetivação dá-se a partir da ideia de religião no nosso autor, pois n’*A essência do cristianismo* ela é entendida como “a consciência primeira que o homem tem si”¹⁰ (FEUERBACH, 2007a, p.45); e já manifesta nessa consciência o seu objeto e nele nem sempre vendo a religião como algo negativo. O destaque deste tópico é a necessidade de um objeto para a significação da existência, pois o homem nada é sem o seu objeto; o diferencial é que o objeto não está fora do homem, mas no próprio homem; este é o fato que leva a objetivação não ser considerada uma alienação religiosa, mas mesmo assim este objeto não é algo empírico e sim a essência humana, como ele descreve em sua obra mais conhecida, *A essência do cristianismo*.

A Essência do cristianismo é uma obra que ainda se encontra influenciada pelo seu mestre, Hegel; há nela resquícios de um idealismo, pois Feuerbach aponta a necessidade de um objeto para a consciência. Apontar a necessidade de um objeto é aceitar que o homem é um ser dependente, que o objeto é condição necessária para a sua existência. Nos textos do autor, se percebe que a objetivação é aceitar a existência de um objeto no qual o homem o adora; no âmbito da religião estamos tratando da essência humana objetivada. Essa essência humana é tripartida, assim como o Deus cristão, chamada por Feuerbach de Trindade divina que é: a razão, a vontade e o coração. Tratar da essência levou o filósofo de Landshut a ser rotulado, por Marx, como sendo um pensador ainda preso ao idealismo, isto é, ele deu atenção

¹⁰ Sobre a objetivação ver: FEUERBACH. *A essência do cristianismo*, 2007a, p.45-60; 91; 93; 102; 104 e o ver também o Apêndice que se encontra n’*A essência do cristianismo*, 2007a, p.277.

em demasia à razão, reduzindo a objetivação à ideia de autoconsciência, como podemos ver na citação de Marx e Engels no parágrafo seguinte¹¹. Mas, ao mesmo tempo em que ela é, ainda, influenciada pelo idealismo encontramos nela algo único e libertador, pois os jovens hegelianos, “levados pela necessidade prática de lutar contra a religião” (ENGELS, 1977, p.87) encontraram no materialismo de Feuerbach uma crítica a ela e também ao idealismo hegeliano. Segundo Engels *A essência do cristianismo* pulverizou a contradição criada ao restaurar o materialismo, apresentou respostas para algo que, aparentemente, até aquele momento parecia ser impossível ser refutado. A partir dele ainda podemos afirmar que “nada existe fora da natureza e dos homens; e os entes superiores, criados por nossa imaginação religiosa, nada mais são que outros tantos reflexos fantásticos de nossa própria essência” (ENGELS, 1977, p.87). O livro de Feuerbach, chamado *A essência do cristianismo*, exerceu uma força libertadora, o sistema se encontrava em pedaços “o entusiasmo foi geral e momentaneamente todos nós nos transformamos em feuerbachianos” (ENGELS, 1977, p.87). E é com esse entusiasmo que estamos buscando refletir sobre o problema que envolve a objetividade, pois é discutindo sobre a objetividade que Feuerbach tirará conclusões positivas a respeito da religião; e passa a perceber que o ser divino foi colocado para fora do homem, mas este ser divino que está no homem é a sua própria consciência; com isto, Deus é objetivado, se torna uma criação humana em que o homem é dependente, vive uma necessidade, pois o homem possui uma carência em apresentar e se definir a partir de um ente perfeito.

No processo de objetivação somos levados à seguinte afirmação: “o homem toma consciência de si no objeto: a consciência do objeto é a consciência que o homem tem de si mesmo” (FEUERBACH, 2007a, p. 38). Quando ele está tratando dos objetos, esses podem ser tanto espirituais como reais, e pelo fato dele levar em consideração os objetos espirituais, não no sentido de espiritualidade religiosa, é que podemos perceber resquícios de um pensamento abstrato. Para Marx é perceptível ainda o idealismo em Feuerbach, pois em “*A essência do cristianismo*, só considera como autenticamente humana a atividade teórica” (MARX e ENGELS, 1977, p.118), desconsiderando a práxis social. No parecer dessa crítica a Feuerbach, ele ainda estaria preso no problema do humano como um ser de pensamento, por mais que leve em consideração o homem em sua totalidade, mas tem necessidade desta razão

¹¹ No parágrafo seguinte encontra-se a seguinte afirmação: “*A essência do cristianismo*, só considera como autenticamente humana a atividade teórica” (MARX e ENGELS, 1977, p.118).

para julgar e agir e só pode “abstrair-se de si, da sua essência subjetiva, pessoal, de se elevar a conceitos e relacionamentos gerais” (FEUERBACH, 2007a, p.64); mas levar em consideração o homem em sua totalidade é colocar em evidência todas as limitações humanas, tendo isto em vista busca uma solução a elas que será no âmbito da religião e da razão.

Podemos perceber uma abstração quando ele trata do problema da razão em que “para a imaginação é a razão ou uma revelação de Deus; mas para a razão é Deus a revelação da razão; porque o que a razão é, o que ela pode, só se torna objeto em Deus” (FEUERBACH, 2007a, p.65). Quando se leva em consideração a razão para explicar a divindade, Deus passa a ser a “razão que se pronuncia, se afirma como ente supremo [...] o mais alto grau da faculdade de pensar” (FEUERBACH, 2007a, p.65); claro que aqui estamos tratando de um Deus diferente¹² do Deus cristão ou qualquer outra entidade metafísica associada a uma religião específica, mas mesmo assim ele ainda é algo abstrato.

O problema da razão, ênfase dada em demasia segundo Marx, em que considera o homem como sendo um ser racional, irá proporcionar a fundamentação para a divindade. A essência divina nada mais é do que a inteligência, a razão ou o entendimento; para ele quando apresentamos Deus como o extremo do homem, como um ente perfeito, puro, um ser sem antropomorfismo nada mais é do que a “essência objetivada da inteligência” (FEUERBACH, 2007a, p.63); e Deus apresentado como o extremo do homem é a cisão que ocorre do homem consigo mesmo na religião. Só podemos falar de uma cisão entre o humano e o divino a partir do momento em que aceitos que rompimento só ocorre com “dois seres que se separam, mas que devem e podem ser um único e que conseqüentemente são um único em essência e verdade” (FEUERBACH, 2007a, p.63). A importância dada a razão se descreve no fato em que com ela o Deus desantropomorfizado é a própria essência objetivada da razão, Deus como Deus, como um ser não-finito, não-humano, não-determinado materialmente é apenas um objeto do pensamento; ele nada mais é do que essência objetiva do pensamento, o homem não pode pensar, supor ou imaginar em nenhum espírito a não ser a inteligência que o ilumina. Aqui vemos o processo de objetivação da própria consciência feita por Feuerbach.

¹² É ainda um Deus abstrato, pois é comparado com a razão. É diferente do Deus das religiões porque não é algo que se encontra fora do humano, mas nele. Ao colocar Deus dessa maneira é possível encontrar resquícios do idealismo alemão em sua filosofia. Abandonar completamente o idealismo é um processo que demanda tempo na filosofia de Feuerbach, e isto é perceptível quando ele abandona a razão e se apoia no coração como o grande representante da religião.

A necessidade do objeto é a demonstração de que o homem necessita de algo para se completar, porque “o homem nada é sem objeto” (FEUERBACH, 2007a, p.37). O objeto se torna algo fundamental, porque o homem só irá tomar consciência de si no objeto, isto é, “a razão é a consciência do ser, o ser consciente de si mesmo; e somente na razão se revela a finalidade, o sentido do ser” (FEUERBACH, 2007a, p.71). Para o nosso autor, “a razão é o ser objetivado como uma finalidade em si mesma” (FEUERBACH, 2007a, p.71) e o que é para si objeto é o supremo ser, ou seja, somente aquilo que se apodera de si é plenipotente. Para que a razão seja associada à divindade é feito uma comparação dela com o próprio Deus metafísico¹³ e para isto ele parte da afirmação dos escolásticos e dos Padres da Igreja em que defendiam a ideia na qual “Deus como tal não se pode fazer nenhuma imagem” (FEUERBACH, 2007a, p.65); mas, qual imagem nós podemos fazer da razão ou da inteligência? “Tem ela uma forma? Não é a sua atividade a mais incompreensível, a mais indescritível? Deus é incompreensível; mas conhece a essência da inteligência? (FEUERBACH, 2007a, p.65). Deus como Deus é definido como a razão que se torna objeto para si mesmo, somente assim podemos falar de um Deus e afastarmo-nos de uma alienação religiosa, pois aqui está a objetivação.

Essa problemática da objetivação se depara com a ideia de gênero. A necessidade de remetermos ao gênero se demonstra pelo fato de que somente quanto “um ser para qual o seu gênero, a sua quididade torna-se objeto, pode ter por objeto outras coisas ou seres de acordo com a natureza essencial deles” (FEUERBACH, 2007a, p.35). Isto é, somente quando a sua essência se torna seu objeto é que podemos compreender os objetos exteriores. A consciência de gênero (entenda gênero como essência humana) é o princípio que diferencia o homem e o animal¹⁴, isto porque o animal tem uma vida simples já o homem tem uma vida dupla. Estamos afirmando que no animal não fazemos uma distinção entre a sua vida interior da exterior já no homem sim. “A vida interior do homem é a vida relacionada com o seu gênero, com a sua essência” (FEUERBACH, 2007a, p.35). Para poder fundamentar a existência desta vida interior recorre à capacidade que o homem tem de pensar, à capacidade de conversar e falar consigo mesmo. Isto faz com que o homem se torne *eu* e *tu*, ele pode se colocar no lugar do outro; é um ser, portanto, de relação.

¹³ Sobre o Deus metafísico ou Teológico ver o texto FEUERBACH, L. *Xenie satirico-teologiche*, 2000, p.50.

¹⁴ Podemos conferir a devida passagem em FEUERBACH, 2007a, p.35.

Mas o objeto no qual o homem se relaciona é com ele mesmo, n' *A essência do cristianismo*, e não com uma divindade diferente daquela que está contida em si, isto é, ao pensar que está se relacionando com uma entidade metafísica (Deus), o homem está objetivando a si mesmo, Deus passa a ser “a essência do homem contemplada como a mais elevada verdade” (FEUERBACH, 2007a, p.50). O homem se aliena em Deus, uma vez que o busca fora de si; mas a divindade enquanto objetivação da essência humana não pode ser compreendida como uma alienação, porque não está fora do homem mas nele. Nesse sentido a divindade não é e não pode ser alienada, e esta objetivação feita por Feuerbach é a verdadeira essência do porquê da essência da religião cristã¹⁵. A objetivação do homem em si, que trás a divindade do campo da transcendência para o da imanência, é o primeiro passo para ocorrer a redução antropológica proposta por Feuerbach. Falamos de uma redução antropológica porque o Deus cristão nada mais é do que a própria essência do homem; Deus e a essência humana, no cristianismo, são a mesma coisa, como Feuerbach descreve n' *A essência do cristianismo*

O objeto da religião faz com que o homem tome consciência de si. Ora, vemos aqui a intenção do nosso pensador: que o homem conheça a si mesmo; esta expressão socrática é a epígrafe d' *A essência do cristianismo*. A avassaladora crítica se dá pelo fato da sociedade da época estar vivendo de aparências, desvalorizando a realidade em prol de uma vida celeste. Isto ocorre porque o Estado prussiano é fortemente influenciado pelo cristianismo e com Hegel, ao aceitar que “a religião é o fundamento do Estado” (ZABATIERO, 2012, p.85) querendo afastar a sociedade deste mal, em que “a aparência é a nossa política, aparência a nossa moral, aparência é a nossa religião” (FEUERBACH, 2007a, p.18); a objetivação não é negativa, e sim compreendida como algo positivo, pois é apresentando o objeto da religião em que o homem irá se encontrar e se afastar das ilusões da época.

A consciência que o homem tem do objeto é a consciência que homem tem de si. Uma vez que estamos tratando da religião e esta tem um objeto específico, Deus, ele é também o objeto do homem. É objeto do homem porque a “religião é inata no homem” (FEUERBACH, 2005, p.24); claro que não nos referimos aqui às distintas formas de teísmo e sim ao instinto de dependência. Este instinto é o que faz com que o homem busque uma perfeição em um ser

¹⁵ Conforme Feuerbach: “A essência do homem, em contraste com a do animal, não é apenas o fundamento, mas também o objeto da religião” (FEUERBACH, 2005, p.36).

supremo, faz com que ele se angustie diante da morte percebendo a sua finitude. Vendo a sua finitude e querendo ser perfeito coloca para fora de si o que almeja para si.

Portanto, objetivar é um processo de autoconhecimento, uma busca constante de eliminar o confronto entre Deus e o humano em que Deus é apresentado como o extremo do homem, uma cisão que ocorre do homem consigo mesmo na religião. Demonstrando que o homem não vive sem um objeto, pois é nele que o homem se define, uma vez que este objeto é a sua essência (gênero); mas o problema não é a objetivação e sim quando ela não é reconhecida e faz com que o homem se aliene. No tópico que segue há a necessidade de se discutir o tema da alienação religiosa, pois essa ocorre quando não reconhecemos a necessidade do objeto e não atraímos o objeto religioso para nós, colocando-o para fora do homem. É nela (religião) entendida como alienação que ocorre as tragédias que envolvem a religião, que deixa de ser religião para ser especulação teológica.

1.3- ESTRANHAMENTO DE SI MESMO

A discussão que segue se desenvolve em torno do conceito de alienação¹⁶ religiosa, ideia essa que veio a influenciar pensadores da posteridade como Freud e contemporâneos ao nosso autor como Marx. Buscamos apresentar este conceito partindo da noção do desejo, pois ele está na origem da religião, ele está associado com o instinto de dependência; a religião é alienação porque, ao desejarmos algo que não depende de nós, colocamos a causa de algo em um ser diferente de nós, principalmente se for um fenômeno natural como a chuva, mas nos esquecemos que a natureza também é compreendida como uma divindade.

Foi afirmado anteriormente que Deus foi colocado para fora do homem enquanto estava dentro dele; mas a divindade não se manifesta apenas na essência humana como ele faz na *Essência da religião*; ela se manifesta na natureza. Ora, afirmar que a religião se manifesta na natureza é afirmar que “a natureza se impõe como um ente divino” (FEUERBACH, 2005, p.29) e ao se impor “a existência de Deus depende da natureza” (FEUERBACH, 2005, p.31), porque a divindade não se manifesta no isolamento, somente na relação seja com a natureza ou com o outro. Colocar Deus para fora do homem ou dependente da natureza para a existência da divindade é afirmar que Deus é algo diferente do homem, seja ele um animal sagrado ou um ser abstrato. Segundo o nosso autor, para resolvermos os nossos conflitos assentamos fora de nós o infinito e não o compreendemos como fruto da nossa criação, tese

¹⁶ Ver também SCHÜTZ, R. *Religião e capitalismo*, 2001, p.24.

esta que se aproxima com os argumentos desenvolvidos pela psicanálise, isto é, os conflitos que nos oprimem são projetados para fora de nós¹⁷. No que se trata da natureza, buscamos algo para explicar a sua criação, somos condicionados a acreditar na crença da sua existência porque “reconhece na natureza que acima da sua consciência e da sua existência se encontra o primeiro conceito de Deus [...] um ser que precede a sua existência” (FEUERBACH, 2005, p.31). A existência por si só da natureza já se configura como a necessidade da existência de um ente metafísico, não reconhecendo que a natureza já é em si uma divindade, uma vez que ela é proveniente dos meios para sanar as necessidades do homem, com isto, colocamos para fora de nós e para fora da natureza a divindade, negando a naturalidade das coisas. Negar a condição natural das coisas, relação feita da divindade com a natureza e a condição de ser humano, ser que pensa e sente, é colocar Deus num patamar acima dele mesmo, é considerá-lo como uma alienação¹⁸.

A crítica desenvolvida pelo nosso autor veio contribuir para o surgimento da filosofia de Marx e para a psicanálise de Freud. Esses dois pensadores e leitores de Feuerbach ao se ocuparem com a temática religiosa assumem “uma posição de repulsa e contrariedade” (ESPINDOLA, 2015, p.86). A repulsa desses pensadores é consequência da negação do cristianismo moderno, ou seja, do cristianismo despersonalizado, abstrato e representante da teologia. Ora, a filosofia desenvolvida em *A essência do cristianismo* é a de tirar o cristianismo das trevas e trazer à luz o verdadeiro cristianismo, que se preocupa e desenvolve uma discussão a partir do humano; e ao tirar o cristianismo das trevas ele está propondo um retorno ao cristianismo clássico¹⁹, pois “também o cristianismo teve os seus períodos clássicos - e somente o verdadeiro, o grandioso, o clássico, é digno de ser pensado; o não clássico pertence ao fórum da comédia ou da sátira” (FEUERBACH, 2005, p.13); quando deixa de ser clássico ele passa a ser alienação religiosa.

Ao perceber a alienação religiosa, ele busca o cristianismo em sua base primitiva que é a humanidade, pois o Deus cristão é um Deus humano. Fazendo essas articulações, querendo apresentar a religião como de fato ela é, diferente do que muitos possam pensar, considera que

¹⁷ Feuerbach não apelou para o conceito de projeção, que foi introduzido por Freud, mas preparou o campo para essa teoria. Sobre esse ponto, ver FEUERBACH. *A essência do cristianismo*, p. 82; 94; 213.

¹⁸ Percebe-se nas afirmações anteriores uma crítica forte à religião e isto veio influenciar alguns nomes da filosofia como Kierkegaard e Marx e da psicanálise com Freud.

¹⁹ Podemos perceber que há três maneiras de Feuerbach compreender o cristianismo: o cristianismo primitivo, o cristianismo medieval e os protestantismos. O clássico em que ele se refere é o cristianismo primitivo, que não é contaminado pelo pensamento teológico.

ela não é um mal, e faz parte da vida humana, pois é inata ao homem. O problema não é a religião e sim o que a teologia fez com a religião. A crítica avassaladora do nosso autor se dá na inclusão da especulação teológica na religião. Quando nessa inclusão ocorre a objetivação desenvolvida anteriormente se torna alienação, aqui há um confronto entre o cristianismo católico e protestantismo, pois a negação teológica é uma característica do catolicismo enquanto que Deus levado em sua condição humana é uma característica do protestantismo, mas é a partir desta visão negativa, desenvolvida a partir de uma análise do mal feito pela teologia na religião, que Freud e Marx desenvolvem as suas compreensões sobre a religião, e no nosso filósofo esta alienação está vinculada com o desejo, isto é, o desejo é condição necessária para a existência da religião como se desenvolveu na tradição, como podemos averiguar no parágrafo seguinte.

O desejo fundamenta a origem da religião enquanto alienação: o “desejo está associado com aquilo que o homem quer, mas não tem condições de conquistar” (FEUERBACH, 2005, p.59), ele faz com que pensemos a religião como alienação quando se compreende que os objetos das necessidades são objetos de desejos dos deuses humanos; há uma relação de reciprocidade entre do que dependo com o desejo dos deuses humanos, por exemplo, “a chuva e o sol são necessários para mim, porque as sementes semeadas não de crescer” (FEUERBACH, 2005, p.59), o que eu desejo é a chuva o que a divindade atende é também a chuva, a chuva não depende de mim e sim da natureza. Em seus textos não iremos encontrar uma relação direta entre desejo e instinto de dependência, mas se o desejo é definido como “uma aspiração cuja satisfação não está em meu poder, é uma vontade sem o poder de transformar-se em ato” (FEUERBACH, 2005, p.59-60); ele se vincula com a origem da religião, porque o não depender de mim faz com que eu busque aquele ou aquilo que tem a capacidade de atender o meu desejo, ele “é a origem, a essência mesma da religião. A essência dos deuses não é outra coisa que a essência do desejo” (FEUERBACH, 2005, p. 60). O desejo “está associado àquilo que o homem quer, mas não tem condições de conquistar” (ESPINDOLA, 2015, p. 95). É na busca constante do suprimento de necessidades a fim de afastar do seu estado de miséria e de querer ser perfeito, reconhecendo sua limitação e fragilidade, vulnerabilidade e impossibilidade de ser feliz eternamente é que faz com que o homem busque se satisfazer com algo que não está nele, com isto, aquilo que defendemos como sendo algo positivo se torna negativo; vira alienação religiosa.

A alienação é um ponto da filosofia feuerbachiana que remete ao pensamento contemporâneo, principalmente a psicanálise e “pode ser diagnosticada – tal como uma doença – como um quadro clínico que associa diversas causas em diferentes intensidades, mas que resultam todas elas da cisão (Entzweiung) entre indivíduo e a essência” (SERRÃO, 2014, p.35). O termo alienação²⁰, no domínio da filosofia, é discutido num primeiro momento por Hegel; depois será retomado por Feuerbach, Marx e por outros pensadores na filosofia contemporânea como Luckács, Marcuse ou Sartre. Não é a nossa intenção apresentar aqui o que cada um desses autores pensou ser a alienação, mas apenas relatar que o conceito não morreu com Hegel, Feuerbach e Marx. Por alienação se entende “uma espécie de atividade em que a essência do agente é afirmada como algo externo ou estranho a ele, assumindo a forma de uma dominação hostil sobre o agente” (WOOD, 2005, p.12). Num primeiro momento, a religião é hostil para com o homem, não reconhece a essência como divina, busca fora do homem o que está nele. A religião torna-se alienação. Esta definição de alienação dada por Wood interpreta bem o pensamento do nosso autor, pois a essência do agente (razão, vontade e sentimento) é colocada para fora e este mesmo agente se encontra dominado por esta essência, isto é, toda honra e toda glória é dada a esta essência que foi colocada intencionalmente para fora. Ele se contrapõe ao homem na medida em que os alienados afirmam a onipotência divina e a limitação humana. Nós nos tornamos escravos daquilo que foi colocado para fora de nós.

A religião como alienação é um dos tópicos mais debatidos da filosofia de Feuerbach, pois a primeira compreensão da religião que ele tem é a de ser aquela que coloca o ser perfeito para fora do humano. Isto abrirá margens para um possível ateísmo em nosso autor, mas o que há de esclarecer é que a religião como alienação é a religião entendida na história da humanidade, propagada por uma mentalidade que quer a todo custo dominar os homens, pregando um ser superior fora do homem, pois nesta “o homem transporta primeiramente a sua essência para fora de si antes de encontrá-la dentro de si. A sua própria essência é para ele objeto primeiramente como outra essência” (FEUERBACH, 2007a, p. 45). O homem, impulsionado pelo instinto de dependência, em querer um ser perfeito, irá buscar fora de si esta perfeição. Nas palavras de Zilles, temos a seguinte realidade: “ao projetar a si mesmo, o homem aliena-se de si mesmo, gerando a divisão consigo mesmo. Então, a alienação

²⁰ Sobre a alienação conferir os seguintes textos: FEUERBACH, 2002, p.63 e FEUERBACH, 2007a, p.224; 231; 233; 237. Ver também SERRA, 2008, p. 6-12; BARROS, 2011, p. 223-245.

religiosa, segundo Feuerbach, é tomar como Deus algo que, na verdade, é apenas expressão do próprio homem, ilusão, ídolo” (ZILES, 1991. p. 108.). A questão do ídolo é algo intencional da teologia, pois o *eidolon* (grego: ídolo) significa “imagem mental”, “fantasma”. A própria teologia tem consciência de que criar um ídolo é alienar os seres humanos. Na citação de Zilles encontramos, além da palavra ídolo, a palavra ilusão. A ilusão religiosa é uma deficiência individual que se estende à totalidade dos homens, em que um defeito particular não é reconhecido como sendo defeito, mas este defeito transportado a todos. Isto ocorre quando acontece o rompimento da coexistência entre o indivíduo e o gênero humano, pois o ser que reconhece a existência alienada como sendo o ser verdadeiro é um ser que age reconhecendo o homem como indivíduo e não como ser de gênero (essência); não coloca as qualidades humana no homem e sim para fora e isto terá consequência, como podemos ver adiante.

Ao colocar Deus para fora de si, o homem não reconhece Deus como sendo um ser igual ao homem, mas superior; uma entidade criadora de todas as coisas e que governa e organiza o mundo em que estamos inseridos, pois considera a natureza e a vida como sendo perfeitos sentindo a necessidade de justificar a existência de ambas a partir de um ser plenamente perfeito: Deus. Essa divindade perfeita que o homem coloca para fora é consequência duma relação de sobrevivência entre o homem e a natureza e de uma relação de afetiva entre os seres humanos.

Ao entender a religião como o relacionamento com outro ser diverso, ou até mesmo oposto, que não seja o homem, é a representação de uma inverdade, de um fanatismo; foi a partir desta compreensão que aconteceu toda catástrofe por trás da religião; é por causa de uma valorização celeste e desprezo para com a realidade. Para Feuerbach esta é a “base de todas as crueldades, de todas as cenas horripilantes na tragédia da história da religião” (FEUERBACH, 2005, p.203). Isto aconteceu porque a religião como instituição busca apresentar o homem como algo inferior ao seu objeto de análise (Deus), e apresentando como um ente superior e perfeito coloca o homem numa condição de servo da divindade, donde o soberano pode fazer o que quiser com seu súdito. Reconhecer-se como súdito religioso é se colocar na condição de alienado, porque o que percebemos em Feuerbach é o homem não como súdito, mas como o próprio ente divino em essência, não alienado.

Observando as catástrofes feitas pela religião na história (o cristianismo das cruzadas, da inquisição) e que ainda acontecem (o islamismo extremista), está determinado nela a compreensão de um Deus separado do homem, tornando uma coisa em si, um ser em nossa fé, em nossa afetividade. Ora, um Deus assim não tem necessidade de se preocupar com o homem, pois ele basta a si mesmo. Claro que a compreensão de Deus como um ser diferente do homem só se torna um problema com a intenção dominadora da teologia. O que queremos dizer com isto?

Estamos afirmando que a compreensão de Deus como um ser distinto do homem é, num primeiro momento, uma definição espontânea, ingênua, sem maldades, que distingue Deus e o homem. Está por trás desta identificação do divino como algo diferente o instinto de dependência. Os homens têm um sentimento de dependência e essa dependência eles depositam nos deuses, assim como os animais domésticos necessitam de seus donos para sobreviverem, assim dependem os homens de seus deuses. Neste sentido, a religião para o homem é exatamente tão necessária como a luz o é para os olhos, o ar para os pulmões e a comida para o estômago. Vejamos que o reconhecimento da divindade não é algo elaborado, ele simplesmente procura fora de si porque necessita. Aqui estamos tratando da religião em seu estágio primitivo, a inocência e a simplicidade do homem; mas ao passar do tempo, quando ocorre a “reflexão dentro da religião” (FEUERBACH, 2005, p.203) ela deixa de ser uma diferenciação inocente e passa a ser intencional. Essa intencionalidade em abandonar a inocência religiosa, em transformar a inocência em algo refletido surge a teologia.

A cisão espontânea, falada anteriormente, passa a ser estudada e intencional. Observando esta afirmação o problema da projeção fora de si (alienação), da negação da realidade não é causado pela religião e sim pela teologia. A religião, em sua origem não faz uma distinção qualificativa entre Deus e o homem; a sua razão se encontra em harmonia com a sua religião; isto porque uma vez que é um único ser que pensa e crê as imagens da religião expressam pensamentos e coisas.

Para sustentar que a religião primitiva não faz distinção entre o Homem e Deus Feuerbach recorre ao judaísmo antigo: “Jeová era um ser diverso do indivíduo humano somente quanto a existência, mas qualitativamente, quanto à sua essência interior, era ele idêntico ao homem, tinha as mesmas paixões, as mesmas características humanas” (FEUERBACH, 2007a, p.203). Observando o cristianismo, percebemos que o Deus cristão

não é mais humano do que do judaísmo antigo, pois não se diferencia do humano nem em essência e nem em existência. Ele sente, ama; vemos uma preocupação com o homem concreto, um Deus que cuida dos doentes que sente compaixão; a sua existência não é um problema, o problema são as tentativas de fundamentar essa existência a partir de doutrinações teológicas, forçando interpretações que não sustentam a existência dessa divindade como é apresentada, temos como exemplo a prova ontológica da existência de Deus.

A prova da existência de Deus, ao menos enquanto definição, é o primeiro modo pela qual a teologia transforma a essência divina noutra essência; é transformada no objeto de uma prova formal. Podemos perceber aqui uma compreensão de forma do modo como Platão entendeu, aquilo que está fora da realidade sensível e não como Aristóteles que está no próprio objeto, pois Aristóteles chega na essência da coisa pela própria coisa e está no próprio objeto²¹.

A confirmação formal da existência de Deus é uma prova contraditória à essência da religião, pois a religião demonstra que Deus é um ser que diverge do homem. Percebemos na religião a essência humana como algo diverso e objetivo. No que tange à objetividade concordamos, pois Feuerbach não nega a existência do objeto, ele o afirma constantemente. O problema está em colocar esse objeto para fora. O objetivo da religião dogmática (teologia) é demonstrar que “o ser mais perfeito é o ser acima do qual não pode ser pensado nenhum mais elevado – Deus é o que há de mais elevado que o homem pensa e pode pensar” (FEUERBACH, 2007a, p.204). Esta afirmação é a premissa da prova ontológica da existência de Deus; ela se torna instigante, pois para objetivar Deus para fora do homem ele tem que partir de dentro do homem (razão), as provas da existência têm como meta exteriorizar o interior, separá-la do homem.

As qualidades atribuídas à divindade Feuerbach as aceita, mas na medida em que “este ser supremo não seria supremo se não existisse” (FEUERBACH, 2007a, p.204). Ora, o problema aqui é que a existência está sendo pensada separadamente, Deus seria apenas pensamento, como foi defendido pela teologia e filosofia especulativa. Transformar as qualidades da religião, seu objeto, em abstração foi algo feito intencionalmente pela teologia; tem a intenção de que o homem vá além da sua essência, “mas o homem não pode sair da sua

21

verdadeira essência” (FEUERBACH, 2007a, p.43). Ele pode conceber, por intermédio da fantasia, indivíduos elevados, mas ele jamais poderá se abstrair do seu gênero, pois as qualidades que serão atribuídas a esses outros indivíduos são retiradas da sua própria essência. Aqui a existência é pensada separadamente, Ele é abordado como uma existência diferente do homem; “Deus é um ser diverso do pensado, [...] um ser real, um ser por si” (FEUERBACH, 2007a, p.204), mas quando estamos afirmando que ele é diverso do pensado, não estamos contradizendo com o que desenvolvemos no tópico da objetivação, em que associamos a divindade com a razão, ser diferente do pensado é uma crítica à doutrina especulativa que coloca Deus como “o ser mais perfeito [...], ser acima do qual não poder ser pensado nenhum mais elevado”, ora, nesse sentido ele é diverso do ser pensado, pois para Feuerbach ele não está acima do que é pensado, ele é a própria faculdade de pensar.

Em suma, a alienação é uma interpretação errônea da objetivação, partindo das análises de Feuerbach, e distanciar desta concepção é o que o tópico buscou desenvolver; uma nova compreensão da religião não mais como alienação. Mas a objetivação e a alienação por si só são conceitos que se tornam vagos em Feuerbach se não desenvolvermos como a religião surge, uma vez que é com esta que estamos a tratar. Só tem sentido falarmos de objetivação e alienação se diferenciarmos o surgimento da religião como instinto de dependência, e por isso ele é natural ao homem, da religião surgida do nada e fundamentada no nada. No tópico seguinte desenvolveremos o porquê da religião ser associada ao instinto de dependência, não somente o cristianismo e sim a religião em geral.

II-A PROPOSTA DE UMA NOVA FILOSOFIA

2.1- CRÍTICA À FILOSOFIA E A TEOLOGIA ESPECULATIVA

No texto *Necessidade de uma reforma da filosofia*, no primeiro parágrafo, é perceptível como o nosso autor quer propor uma reforma da filosofia: “Uma nova filosofia que se situa numa época comum às filosofias precedentes é algo de inteiramente diverso de uma filosofia que incide num período totalmente novo da humanidade” (FEUERBACH, 2002, p.13). Na seguinte passagem, podemos perceber uma crítica e uma proposta; uma crítica pelo fato de que a filosofia que se situa numa época comum não significa apresentar algo novo, ou que venha a contribuir com o pensamento filosófico. Ora, estar situado em uma época comum não pode lhe dar ao direito de ser algo novo ou inovador. A crítica aparece em virtude de a filosofia dominante, alvo aqui de Feuerbach, ser reprodutora de uma mentalidade superior e dizer as mesmas coisas de forma diferente; há uma proposta, e ela aparece quando ele se propõe a querer repensar a humanidade e não apresentar as mesmas respostas para os problemas da humanidade, ou seja, a necessidade de reformar a filosofia é um repensar filosófico, é consequência do desencantamento religioso do autor como filósofo, e para suprir este desencantamento há a necessidade de negar a filosofia especulativa e a teologia, e colocar em seu lugar a filosofia do real e a religião. É este o novo período da humanidade, o de apresentar soluções a partir dos entes reais e não abstrações.

Negar a filosofia é uma condição necessária no processo filosófico de Feuerbach, porque ele estrutura o seu pensamento a partir do método dialético²²: há então a necessidade de negar para afirmar. O ponto central da discussão que envolve a nova filosofia é o homem, que na filosofia moderna especulativa²³ é relacionado a um ser abstrato; ora, para Feuerbach “a identificação imediata, clara, leal, da essência do homem, subtraída ao homem pela abstracção, com o homem não se pode deduzir da filosofia hegeliana por via positiva, mas apenas como a sua negação” (2002, p. 22). Só se pode compreender e conceber a proposta do nosso autor quando nos afastamos, por uma negação total, embora ela seja a verdade da

²² O método dialético utilizado por Feuerbach é a herança da filosofia hegeliana. Constantemente Feuerbach nega algo para poder reafirmar; é assim com a religião e também com a filosofia. O processo de negação ele é um fato constante, porque permite com que Feuerbach corrija aquilo que ele considera errado na filosofia e na religião anterior ao seu pensamento.

²³ A filosofia especulativa moderna não é todo o pensamento da modernidade, mas sim momentos da filosofia moderna em que aborda pensadores que estão envolvidos com o problema da abstracção filosófica, como Descartes (apenas nos universais), Espinosa, os idealistas alemães, principalmente Schelling, e tendo seu ponto mais alto com Hegel (também idealista).

mesma. “Tudo está, decerto, implicado na filosofia hegeliana, mas sempre e ao mesmo tempo com a sua negação e o seu contrário” (FEUERBACH, 2002, p.22), ou seja, só podemos falar de um ser abstrato a partir do real. Ele se utiliza da filosofia de Hegel, e do seu método, para demonstrar que a verdadeira filosofia é a filosofia que desenvolve uma antropologia do homem real, por isto que tudo está contido na filosofia hegeliana, pois essa exalta o abstrato, o ideal, enquanto Feuerbach desenvolve, no caminhar, abandonando-se à realidade. Ela, a especulação hegeliana, mas em especial sua metodologia, serve de estrutura para a negação filosófica feita por Feuerbach.

A filosofia moderna, que busca colocar o homem no centro de toda a discussão, não coloca o homem real e sim o homem abstrato: homem enquanto ser pensante, que só existe por causa do pensamento. O homem abstrato é exaltado, na modernidade, a partir de Descartes, pois a primeira coisa que ele prova é a existência do “Eu”, da subjetividade, e, por mais que Descartes exalte a subjetividade, Feuerbach o considera idealista na ordem dos universais. Não é nossa intenção adentrar na problemática que Feuerbach encontra em Descartes, afirmando que ele é idealista apenas na ordem dos universais, mas vamos esclarecer alguns pontos, para buscarmos compreender sobre o que de Descartes o autor está tratando. Podemos considerar a filosofia cartesiana como o início da filosofia moderna, pois “a abstração da sensibilidade e da matéria é o começo da filosofia especulativa moderna” (FEUERBACH, 2002, p.45). Esta abstração, considera Feuerbach, “é apenas uma condição subjectiva para conhecer o Ser divino imaterial; representavam para si a imaterialidade de Deus como uma propriedade objectiva, independente da abstracção e do pensamento” (FEUERBACH, 2002, p.45); essas colocações se encontram do ponto de vista do teísmo, e isto não é tido como um problema pelo fato de fazerem do “ser imaterial apenas objecto e não sujeito, não o princípio activo, nem a essência real da própria filosofia” (FEUERBACH, 2002, p.45). Diferente dos idealistas, que são criticados por Feuerbach, Deus em Descartes e Leibniz é o princípio da filosofia, mas isto somente enquanto objeto que se diferencia do pensamento, eles não se confundem. Como afirma nosso autor: “por isso, só o princípio em geral, apenas na representação, não na realidade e na verdade. Deus é unicamente a causa primeira e universal da matéria, do movimento e da actividade; mas os movimentos e as actividades particulares, as coisas materiais determinadas e reais consideram-se e conhecem-se independentemente de Deus” (FEUERBACH, 2002, p.45-46). Deus, então, não é necessário para o conhecimento da matéria, com isto, Descartes é idealista só no universal,

mas na ordem do particular é materialista. Para ambos os pensadores, Descartes e Leibniz, “Deus é o idealista consequente, integral e verdadeiro, pois só ele representa para si todas as coisas sem obscuridade, isto é, no sentido da filosofia leibniziana, sem o auxílio dos sentidos e da imaginação” (FEUERBACH, 2002, p.46). Enquanto nesses dois pensadores temos um idealismo parcial, porque faziam do ser objeto distinto do pensamento, a compreensão da divindade que os precede é de um “entendimento puro, ou seja, separado de toda a sensibilidade e materialidade” (FEUERBACH, 2002, p.46), dessa forma, a matéria é ser inteligível, ou seja, “as coisas materiais são puros seres inteligíveis, puros pensamentos; para ele não existe, em geral, matéria alguma, pois esta baseia-se apenas em representações obscuras” (FEUERBACH, 2002, p.45-46). Ora, a filosofia criticada por Feuerbach fez de Deus “um ser nebuloso e indeterminado” (FEUERBACH, 2002, p.45), é um espírito puro, sem paixão e não definido.

Por perceber que em Descartes há elementos que destoam da filosofia especulativa que o procede, Feuerbach não atribui a Descartes o problema da filosofia moderna especulativa, e sim àqueles que discutiram apenas a parte do *cogito* e o transformaram em filosofia abstrata; uma filosofia que deduz o “finito do infinito, o determinado do indeterminado, nunca chega a uma verdadeira posição do finito e do determinado” (FEUERBACH, 2002, p. 24); como consequência, temos a colocação do “finito como realidade do infinito”, isto porque, ao deduzir o finito do infinito, ocorre a negação do infinito e do indeterminado; para Feuerbach “é admitir que, sem determinação, ou seja, sem finidade, o infinito nada é” (FEUERBACH, 2002, p. 24).

A verdade do infinito, na filosofia especulativa, é o finito; para sustentar a afirmativa o nosso autor recorre à teologia, pois se compreende que na “teologia o homem é a verdade, a realidade de Deus”, fazendo alusão ao cristianismo que tem um Deus humano. O homem é esta verdade porque “todos os predicados que realizam Deus como Deus e fazem de Deus um ser real, assim como o poder, a sabedoria, a bondade, o amor, e a própria infinidade e personalidade, enquanto têm por condição a distinção do finito, só se põem em e com o homem” (FEUERBACH, 2002, p. 24), fato que não é diferente da filosofia especulativa. No desenvolver da verdade do infinito há uma verdade indireta e invertida, pois só podemos reconhecer a existência do infinito quando é determinado, quando não se expressa como infinito e sim como finito, limitado, “então o finito é em verdade o infinito” (FEUERBACH, 2002, p. 24).

As asserções apresentadas buscam discutir como Feuerbach nega a filosofia para fazer filosofia e terá o seu ponto auge quando afirma que “a tarefa da verdadeira filosofia não é reconhecer o infinito como o finito, mas o finito como o não finito, como o infinito; ou não é transpor o finito para o infinito, mas o infinito para o finito” (FEUERBACH, 2002, p. 24); é fazer o processo inverso do que a especulação filosófica fez colocando o Absoluto no ponto mais alto. E a ideia é colocar o homem, ser finito, no ponto mais alto, mas este homem que é finito tem uma essência infinita, ele é o começo da filosofia juntamente com o real (natureza). Ele é o começo da filosofia porque é um ser determinado, real e finito; ele não aceita Deus como (sendo) o início porque o “infinito não pode pensar-se sem o finito. Podes tu pensar, definir a qualidade, sem pensar numa qualidade determinada?” (FEUERBACH, 2002, p. 24).

A filosofia especulativa demonstrou-se insuficiente, e percebemos isto nos parágrafos anteriores, pois se limitou ao abstrato que em nada tem a ver com o real; os filósofos especulativos se limitaram a desenvolver teorias em escolas filosóficas e formaram doutrinas filosóficas; é um tipo de filosofia que deve a sua existência apenas às necessidades filosóficas, um exemplo citado por Feuerbach é “a de Fichte em relação à kantiana” (FEUERBACH, 2002, p.13), são filosofias que sem um pensador que a precede não sustenta a sua necessidade. Enquanto que a reforma da filosofia se relaciona com a própria história da humanidade, busca satisfazer a necessidade da época, pois num período de decadência, sob a forma como se vê o mundo, tem-se a necessidade de pensamentos contrários ao rotineiro e aqui o pensamento rotineiro são as sínteses arbitrárias da filosofia hegeliana, para Feuerbach “insuficientes” (FEUERBACH, 2002, p. 14). Buscar satisfazer a necessidade da época é perceber que a filosofia correspondente já não é suficientemente filosofia, não é porque Feuerbach a compreende como uma teologia. Não ser suficientemente filosofia, ou uma filosofia que não corresponde com os fatos, é “uma filosofia que se inscreve na história da filosofia e só indiretamente, por meio dela, se relaciona com a história da humanidade” (FEUERBACH, 2002, p.13); o que Feuerbach quer é “uma filosofia que é imediatamente a história da humanidade” (2002, p.13), desejo totalmente diverso do falado anteriormente, e ser uma filosofia que é propriamente isto é ser religião, uma vez que “os períodos da humanidade distinguem-se apenas por transformações religiosas” (FEUERBACH, 2002, p.14).

Ora, as duas formas afirmadas no parágrafo anterior são uma distinção da filosofia na própria história da filosofia, e também na história da humanidade. Como um leitor da história da filosofia, ele se depara com continuações de sistemas quando se depara, parafraseando-o,

com filosofias que se inscrevem na história da humanidade percebe que filosofia se confronta com filosofia e nada se relaciona com a humanidade, nada se preocupa com o real apenas com o abstrato.

Para adentrarmos na problemática feita pelo nosso autor, nos deparamos com o seguinte questionamento: “Será que nos encontramos no limiar de um tempo novo” (FEUERBACH, 2005, p.157), isto é, “um novo período da Humanidade, ou será que continuamos a trilhar caminhos velhos e que continuamos agarrados ao homem velho, apenas com aquelas transformações que se tornam absolutamente inevitáveis com o passar do tempo?” (FEUERBACH, 2005, p.157). Ora, não há necessidade alguma de conservar este espírito velho, esta é apenas uma necessidade ilusória que é difundida na história do pensamento, o conservar deste espírito nada tem a dizer ao homem novo, que necessita de uma filosofia nova, pois a filosofia correspondente “pertence ao período de decadência do Cristianismo”, que é quando ele é influenciado pelo espírito especulativo da teologia, deixa de ser fogo e passa a ser abstração. Quando esta necessidade se torna algo ilusória, estamos aqui querendo um distanciamento da religião teologizada e da filosofia vigente, mas ao mesmo tempo aproximar a filosofia da religião; este processo de aproximação dá-se da seguinte maneira: “a nova filosofia, enquanto negação da teologia, que nega a verdade da paixão religiosa, é a posição da religião” (FEUERBACH, 2002, p.30). Como herdeiro da dialética hegeliana, para ele toda transformação subentende-se uma negação, isto é, para se fazer filosofia há a necessidade de negar a filosofia, para salvar a religião é preciso negar a religião. E como isto será feito? Invertendo o sistema dominante que segundo o nosso autor está falido.

Negar a filosofia não é trocar uma filosofia por uma diferente, ou ficar restrito no contexto de uma reforma da filosofia trocando-a por outra; ficaríamos apenas na querela de escolas filosóficas²⁴; tal atitude de negação é um abandonar o idealismo, e colocar em seu lugar a filosofia do real; é colocar a filosofia em seu devido lugar, apresentar o seu começo que não é Deus, não é o absoluto e sim o finito, o determinado, o real, pois “podes tu pensar, definir a qualidade, sem pensar numa qualidade determinada?” (FEUERBACH, 2002, p.24). O que se vê em primeiro não é o indeterminado, mas o determinado. O que o pensador está a expor é que até o momento o caminho feito pela filosofia especulativa foi o “do abstrato para o concreto, do ideal para o real”, que não permite que jamais se possa chegar à realidade

²⁴ Querelas das escolas são os conflitos entre sistemas filosóficos, entre doutrinas filosóficas que podemos encontrar na história da filosofia.

verdadeira e objetiva, somente nas próprias abstrações. Negando este sistema, Feuerbach, tem consciência que sua filosofia não será aceita, pois ele mesmo afirma em referência à *Essência do cristianismo*:

Os juízos tolos e pérfidos que foram feitos sobre esta obra desde o seu aparecimento na primeira edição de forma nenhuma me surpreenderam, porque não esperava outros e mesmo racional e normalmente não poderia esperar outros. Que eu, neste livro, destruí Deus e o mundo (FEUERBACH, 2007a, p.17).

Percebendo que vários juízos foram emitidos sobre a sua obra, e em grande parte discordante a ele como os dos hegelianos de direita, ele não poderia estar escrevendo para os seus pares, mas sim para uma sociedade que fosse capaz de compreender a sua crítica e que estivesse disposta a se reformar, pois a reforma da filosofia se dá com a reforma da humanidade, e reformar a humanidade é reinterpretar a religião, pois “os períodos da humanidade distinguem-se apenas por transformações religiosas” (FEUERBACH, 2002, p.13); até o surgimento do materialismo é atribuído a uma revolução religiosa, a reforma protestante, isto é: ao “humanizar o amor divino” (HIDALGO, 1997, p.38), “é fruto do amor de Deus pelos homens” (FEUERBACH, 1982a, p.115) não um amor vago, mas como aquele do pai pelo filho. Estamos falando de um amor efetivo, que se confronta com os sofrimentos da humanidade, e o protestantismo desenvolve todo esse sentimento para a religião; dessa maneira, ele está a criticar o cristianismo católico, um cristianismo teologizado, baseado na ideia de tradição, que prega este espírito conservador.

O problema encontrado na religião é o seu espírito de conservação (tradição) que foi atribuído a ela; mas este não é um problema natural da religião, mas colocado nela pela teologia, é um processo que surgiu no período dos padres da Igreja, onde deixaram de reconhecer a verdadeira essência da religião, para especular a respeito de uma essência abstrata. A teologia, representante da religião alienada, quer conservar seus dogmas, as verdades eternas; e não diferente foi a filosofia especulativa, isto porque, “a essência da filosofia especulativa nada mais é do que a essência de Deus racionalizada, realizada e actualizada. A filosofia especulativa é a teologia verdadeira, conseqüente, racional” (FEUERBACH, 2002, p.39), ambas são julgadas pelos mesmo erros: “ter feito das determinações da realidade ou da finidade determinações e predicados do Infinito só mediante a negação da determinidade, em que elas são o que são” (FEUERBACH, 2002, p.25). O nosso

pensador se propõe a iluminar a religião e demonstrar a sua verdadeira essência, por conseguinte está também a iluminar a filosofia tirá-la da categoria de opressora para a de libertadora, pois a condição de abstração da religião teologizada faz com que ele a reconheça como uma instituição que se preocupa apenas em manter para si o poder, seja ele político ou divino.

A religião, discutida constantemente por Feuerbach, é o cristianismo, que representa este espírito de conservação, mas não foi sempre assim, porque ele foi negado em sua essência e a filosofia prevalente é pertencente a este período de decadência do cristianismo, ou seja, como Feuerbach não faz uma distinção dos problemas filosóficos com os problemas religiosos, mas quando o cristianismo negar-se ele nega também a filosofia, quando a modernidade especulativa quer negar o pensamento medieval, parte do pensamento teológico para negar a teologia e ao fazer isto se torna decadente. A decadência da religião se dá porque ela já não satisfaz mais nem ao homem teórico e nem ao homem prático; não satisfaz o homem teórico porque ao ficar no âmbito da especulação se limita à teologia e entra em contradição, pois precisa da especulação para negar a especulação e não corresponde ao homem prático porque nada tem a contribuir com ele, nega falsamente a materialidade. A filosofia especulativa não responde às necessidades da época, continua a dar as mesmas respostas a problemas diferentes, tudo se resume a uma vida celeste, e o que contribuiu para a decadência foi o espírito hegeliano, pois o seu pensamento negava o cristianismo ao povo ao apresentar a contradição entre representação e pensamento, como podemos observar no fragmento a seguir:

O teísta representa para si Deus como um ser pessoal existindo fora da razão, fora do homem em geral – pensa como sujeito acerca de Deus enquanto objecto. Pensa Deus como um ser que, segundo a sua representação, é um ser espiritual, não sensível, mas que, segundo a existência, isto é, segundo a verdade, é um ser sensível; pois, a característica essencial de uma existência objectiva, de uma existência fora do pensamento ou da representação, é a sensibilidade. Diferencia de si Deus no mesmo sentido em que distingue as coisas e os seres sensíveis como existindo fora dele; em suma, pensa Deus do ponto de vista da sensibilidade. O teólogo ou filósofo especulativo, pelo contrário, pensa Deus do ponto de vista do pensamento; por isso, não interpõe entre si e Deus a representação incómoda de um ser sensível; identifica assim, sem mais, o ser objectivo e pensado com o ser subjectivo e pensante (FEUERBACH, 2002, p.41).

O problema deste sistema, segundo Feuerbach, é que contradiz o cristianismo das origens com o cristianismo acabado.

A negação do cristianismo, seja ela feita por Feuerbach ou que ele entende de Hegel, está em que Feuerbach percebeu que “uma religião só se mantém se se preserva no seu sentido inicial, originário” (FEUERBACH, 2002, p.15). Feuerbach percebe que Hegel não a considerou em seu sentido inicial, com isto, negou o cristianismo e o transformou em filosofia e em política. Transformar a religião em filosofia, ou fazer dela política é algo que Feuerbach irá fazer, mas de maneira diferente. Irá, primeiramente, destruir a antiga filosofia, religião e política e colocar em seu lugar a nova filosofia que abordará os problemas próprios da religião e da política, mas para destruí-la a fundamentará em sua origem que “é fogo, energia, verdade” (FEUERBACH, 2002, p.15); mas com o tempo ela perde esta energia, este vigor e se torna laxa, infiel e indiferente. Para reconciliar-se com a religião recorre-se à origem da religião, assim nega o cristianismo; ele é “negado no espírito e no coração, na ciência e na vida, na arte e na indústria” (FEUERBACH, 2002, p.15), pois até o surgimento das obras de Feuerbach a negação era uma negação inconsciente, agora com a negação consciente surge uma época nova, por conseguinte a necessidade de uma filosofia nova, não mais cristã, e sim humana, não acaba, mas resta em processo.

A crítica desenvolvida no parágrafo anterior é a uma filosofia acabada, que deve ser negada, uma filosofia da religião em que o absoluto é simplesmente o não determinado. Uma vez que estamos tratando dos entes reais, que seria o materialismo do nosso autor, esta filosofia é “supérflua tudo que se lhe assemelha ou que se possa produzir em conformidade com seu espírito” (FEUERBACH, 2002, p.15-16). A superficialidade desta filosofia se dá devido a sua incapacidade de ver as coisas como de fato elas são, não se desenvolvendo em torno de entes reais. Não tratar com as realidades como de fato elas são, é criar problemas que não existem. Esta é uma negação consciente e toda negação consciente funda uma época nova, apresenta a necessidade de uma filosofia nova, não mais cristã. A nova e única filosofia é a negação de toda filosofia de escola; negar a filosofia de escola é negar ela enquanto qualidade abstrata, particular, isto é: escolástica. Segundo o pensador a filosofia que trata do ser enquanto ser real não possui nenhuma linguagem particular e nem princípios particulares, mas é o próprio homem pensante “homem que é e sabe que é a essência autoconsciente da natureza, a essência da História, a essência dos Estados, a essência da religião – o homem que é e sabe que é a identidade real, absoluta, de todos os princípios e contradições” (FEUERBACH, 2002, p.32).

Negando a filosofia para poder reafirmá-la vemos um pensador que faz uma negação antitética: nega tanto o racionalismo como o misticismo, tanto o panteísmo como personalismo, assim também o ateísmo como o teísmo. E o que sobra? As verdades independentes e puras, as verdades da natureza; isto porque a filosofia deve se unir com a ciência da natureza e a ciência da natureza com a filosofia. Ao unir-se, e percebemos aqui a influência do positivismo em Feuerbach, e lembrando que a filosofia do futuro é uma filosofia positivista, essa nova aliança será uma aliança duradoura, mais ainda do que entre a filosofia e a teologia e fazendo esta união ocorre também uma transformação religiosa.

A transformação religiosa, que seria uma transformação da humanidade, por conseguinte é uma transformação da realidade e se constitui da seguinte forma: “para o lugar da fé, entrou a descrença; para o lugar da Bíblia, a razão; para o lugar da religião e da igreja, a política; a terra substituiu o céu, o trabalho substituiu a oração, a necessidade material o inferno, o homem o cristão” (FEUERBACH, 2002, p.16). Toda negação de algo tem algo como proposta, e tudo isto está em conjunto com uma reinterpretação da religião. Pode parecer contraditório falar de religião a partir do momento em que ele nega a religião e coloca a política em seu lugar. A substituição da religião pela política é a substituição do cristianismo especulativo e não daquilo que Feuerbach entende por religião. A sua compreensão da religião está contida numa junção desta com a filosofia, é uma busca constante de compreender o homem e a natureza, ou seja, a totalidade do real. Vejamos aqui o problema da realidade que envolve o cristianismo, pois a religião cristã uniu o nome do seu Deus com o nome do homem, segundo um só nome: o Deus-Homem. Percebemos aqui uma elevação do nome do homem a atributo do ser supremo. “Segundo a verdade, a filosofia nova fez deste atributo a substância, e do predicado o sujeito – a nova filosofia é a ideia realizada – a verdade do cristianismo” (FEUERBACH, 2002, p.35). Ao ter em si a essência do cristianismo, abandona o nome do cristianismo, pois exprimiu a verdade em contradição com a verdade. Para o nosso autor, esta nova filosofia negou o cristianismo moderno com as verdades do cristianismo clássico, pois no clássico está condicionado a uma valorização do homem e de suas paixões, enquanto o moderno se tornou dogmas. Quando ele utiliza o cristianismo como negação do cristianismo, é uma negação da filosofia com a própria filosofia. Mas ao fazer isto ele chega à conclusão que a filosofia tem que se tornar religião novamente, mas religião que trata do homem e da natureza.

Em suma, a filosofia moderna especulativa não tem mais razão de ser, pois a sua existência é uma afronta ao homem, pois nega-o. Há necessidade de uma nova filosofia, uma filosofia do futuro que reflita sobre o real, uma filosofia que seja a própria história da humanidade; mas que para isto aconteça é necessário compreender a filosofia como religião e a religião como antropologia. É o que buscaremos desenvolver no tópico seguinte, onde a redução religiosa será uma nova maneira de se pensar a respeito da religião e do homem, distanciando da religião abstrata, mas permanecendo a característica primordial: revelação da essência humana, mas isto só foi possível após Feuerbach negar a filosofia especulativa e a teologia do seu tempo.

2.2. FILOSOFIA COMO ANTROPOLOGIA E RELIGIÃO

Podemos encontrar no pensamento de Feuerbach duas grandes reduções. A primeira foi a feita n' *A essência do cristianismo*, em que a teologia foi reduzida em antropologia, e ao fazer isso ele reduz Deus ao homem; mas esta não foi a única redução feita pelo pensador, pois ele viu a necessidade de abordar a filosofia como uma religião. Há a necessidade de demonstrar como Feuerbach transforma a filosofia em religião, e essa transformação ele a apresenta por associações de problemas correlatos, pois ela “funda-se na verdade do amor, na verdade do sentimento” (FEUERBACH, 2002, p.81) e o verdadeiro cristianismo se funda no amor e no sentimento. A nova filosofia é considerada por Feuerbach como a “realização da filosofia hegeliana (FEUERBACH, 2002, 61-62), mas ao mesmo tempo uma crítica a ela. A filosofia criticada por ele, que se transformou em teologia, é contraditória, porque é uma negação da teologia do ponto de vista da teologia. É percebendo esse processo de contradição que o nosso autor se apropria da dialética de seu mestre, porque foi negando o fideísmo medieval que a filosofia moderna especulativa fez teologia novamente e é negando a filosofia moderna que Feuerbach irá fazer filosofia, assim como negando a religião faz religião novamente. Ele continua com a mesma estrutura dialética que o antecede, onde “o segredo da dialética hegeliana consiste, em última análise, apenas em negar a teologia em nome da filosofia e, em seguida, em negar outra vez a filosofia por meio da teologia” (FEUERBACH, 2002, p.63), é uma realização ao mesmo tempo que sua negação. Seguindo o mesmo raciocínio, coloca como características da religião “afecção, sentimento, coração, amor”(FEUERBACH, 2002, p.29-30), que em sua análise é uma negação e dissolução de Deus no homem. “Por conseguinte, a nova filosofia, enquanto negação da teologia, que nega a verdade da paixão religiosa, é a posição da religião” (FEUERBACH, 2002,29-30), pois irá

levar em consideração as afeições, sentimentos e o amor. Marcuse observando o movimento dialético feito por Feuerbach faz a seguinte conclusão: “A negação da religião começara com a transformação hegeliana da teologia em lógica: e se completa com a transformação, feita por Feuerbach, da lógica em antropologia” (MARCUSE, 2004, p.233), por conseguinte estamos a fazer filosofia e a discutir religião ao refletirmos sobre o homem real.

No primeiro parágrafo do texto *Teses provisórias para a reforma da filosofia*, podemos averiguar a intenção do autor: “o mistério da teologia é antropologia, mas o segredo da filosofia especulativa é a teologia” (FEUERBACH, 2002, p.19); a religião é compreendida “como uma verdadeira teologia racional” (FEUERBACH apud NICOLAU, 2010, p.18). Ele percebe que os filósofos modernos especulativos se encontram submissos a temas sugeridos pela reflexão teológica e que confundem a teologia com a religião. A religião só irá voltar a ser religião na modernidade com o aparecimento do protestantismo, pois diferente do catolicismo, “o protestantismo não se preocupa [...] com o que Deus é em si mesmo, mas como Ele é para o homem” (FEUERBACH, 2002, p.37) enquanto ainda, também, persistem neste mesmo contexto os pensadores que se propõem a refletir sobre temas metafísicos, como: “por que há algo e não nada?”; segundo Nicolau isto é “famoso por sua formulação leibniziana, foram tomados em uma perspectiva racional” (2010, p.18). Buscando dar resposta a este problema foram surgindo várias soluções como o imanentismo, o panteísmo, e o criacionismo. O que, para Feuerbach, se liquefaz em uma questão destituída de qualquer sentido, mas que na tradição especulativa surge como questão primordial, para a qual serão erigidos sistemas metafísicos de teor totalizante como possíveis respostas a questão, e é se afastando desses temas que se propõe uma nova filosofia.

A ideia de uma filosofia do futuro no pensamento de Feuerbach é uma junção (ou redução) da filosofia com (em) a religião, em que a religião, além de ser alienação²⁵, como é apresentada em partes de *A essência do cristianismo*, tem características positivas, pois ele a transforma em antropologia. Para assumir determinada condição deve-se eliminar a religião como aquela que se ocupa com o eterno, com aquilo que está fora do humano, para ocupar-se com o real, assim também é “a tarefa da verdadeira filosofia (que) não é reconhecer o infinito como o finito, mas o finito como o não finito, como o infinito; ou não é transpor o finito para o infinito, mas o infinito para o finito” (FEUERBACH, 2002, p.24). A partir do momento em

²⁵ A religião torna-se alienação quando o homem busca um Deus que se encontra fora dele, e não no próprio homem.

que a religião ao se ocupar com o real, Feuerbach passa ter uma visão positiva ao demonstrar que o Deus da religião natural é a natureza e o Deus da religião espiritual (cristianismo) é a essência do homem. Esses problemas são próprios da religião e também da filosofia, e assim como a filosofia tinha se tornado teologia na idade moderna e defende que a filosofia deve se tornar religião; esta redução, podemos verificá-la quando ele aceita a ideia de que ambas trabalham com os mesmos objetos; ou seja, filosofia e religião tem o real como objetos de estudo, como ele cita: “o infinito da religião e da filosofia é e nunca foi mais do que algo de finito, determinado, mas mistificado, isto é, um ser finito e determinado, com o postulado de nada ser de finito, de determinado” (FEUERBACH, 2002, p. 25). Ora, é feita esta associação, pelo fato de trabalharem com mesmo objeto, porque a filosofia especulativa foi reduzida em teologia porque trabalhavam com o mesmo objeto: tratavam de entes metafísicos.

Ao criticar os entes metafísicos da modernidade a crítica feuerbachiana consiste em expor uma crítica à filosofia especulativa, e por “filosofia especulativa, Feuerbach entende aquela que, de Spinoza a Hegel, substitui a transcendência do divino por sua imanência ao mundo” (AQUINO, 2014, p.251) que tem o seu auge em Hegel, como podemos perceber na passagem que segue: “A filosofia de Hegel representa a conclusão, ponto mais alto, da filosofia moderna. Por isto, tem-se a necessidade e a justificação histórica de uma filosofia que se confronta como uma crítica a Hegel” (FEUERBACH, 1976, p.45). A partir dessa assertiva nos questionamos: qual a necessidade de abandonarmos o pensamento especulativo? Ora, pelo fato da filosofia especulativa iniciar-se pelo “conceito do ser” (FEUERBACH, 1976, p.109), mas do ser abstrato e não do ser real como faz a (religião) teologia. O ser real é a totalidade da existência, tanto antropológica quanto fisiológica, por isto a filosofia deve ocupar-se das coisas da vida real; podemos também perceber aqui outra forma de junção entre filosofia e religião, pois quando estamos falando de ser real estamos a falar do homem e da natureza e esses dois termos são discutidos em obras que tratam da religião como *A essência do cristianismo* e *Essência da religião*, ou seja, a religião é a manifestação da totalidade do real, com isto, não há possibilidade alguma de Feuerbach aceitar o idealismo. Não aceita, pois rompe com o pensamento de Hegel, e o ponto de partida da sua filosofia é o ponto de chegada de seu mestre, isto é, uma inversão do sistema hegeliano; rompe com o idealismo para colocar em seu lugar o materialismo antropológico. Ele rompe porque há, na tradição espiritualista, um abandono da realidade sensível, para iniciar o filosofar a partir do “indeterminado”. Essas afirmações são especificamente, na obra de Feuerbach, direcionadas a Hegel e aos hegelianos,

mas podemos abarcar um tempo maior na história da filosofia: a tradição especulativa ou espiritualista não trata da verdadeira essência das coisas.

Quando Feuerbach está se referindo, em seus textos, à “filosofia especulativa alemã”, ele está tratando da “filosofia que reina na atualidade” do seu contexto, isto é, da “filosofia de Hegel”²⁶ (FEUERBACH, 1976, p.101); mas claro, não somente Hegel mas também ao verdadeiro criador da filosofia moderna especulativa que é para ele Espinosa, mas “Schelling é o seu restaurador e Hegel levou-a ao pleno cumprimento” (FEUERBACH, 2002, p.19), ponto mais alto que a especulação pode chegar. Como foi afirmado anteriormente, a preocupação dos filósofos especulativos era o “conceito abstrato do ser”, e não o “ser real” e assim também foi Hegel, pois sua filosofia é a conclusão da filosofia moderna, como afirma Feuerbach ([FEUERBACH,1976, p.45). Não estamos querendo afirmar que a filosofia moderna é em sua totalidade especulação, mas pensadores reconhecidos, como Descartes (somente na ordem dos universais) e Hegel trataram a filosofia desta forma exaustivamente.

Hegel conceituou o ser de modo abstrato e este modo de conceituar o ser, como, significa inverter a relação entre sujeito e predicado. Este ser abstrato tornou-se o sujeito, ele deixa de ser uma consequência e passa a ser uma causa, ou seja, “este predicado tornou-se sujeito, o adjetivo do homem em substantivo, em ser real” (FEUERBACH, 1976, p.66). O ser abstrato a que nos referimos aqui são os problemas desenvolvidos pela metafísica moderna; não podemos apresentá-lo como um ser único, mas que se apresenta em várias ideias como o Absoluto, esta inversão entre sujeito e predicado é o processo de teologização da filosofia na modernidade especulativa. Esse conceito nada mais é do que qualidade (predicado), e não sujeito; o sujeito é um ser real, que respira e alimenta-se e por consequência faz-se um ser divino; divino no sentido de uma essência perfeita e tendo ele essa essência religiosa perfeita, refletir a respeito dela é filosofar, mas ter-se com a essência não é um pensamento puro e sim um olhar o outro, ou seja, o homem reconhece a sua essência (gênero) como sendo perfeita a partir do momento que reconhece o outro como sendo um igual. Nessa reflexão ele parte da realidade empírica, leva em consideração o estado de fraqueza do homem, que busca ser perfeito. A partir da inversão de Feuerbach entre sujeito e predicado, o homem individual não é perfeito e sim a sua essência, mas isto não o impede de querer buscar essa perfeição e para

²⁶ O que há de ficar claro aqui é que não temos como objetivo apresentar o pensamento de Hegel, e sim a crítica à filosofia especulativa feita por Feuerbach; isto pelo fato de que a sua filosofia se fundamenta como uma crítica a essa tradição filosófica e propõe superá-la.

chegar a determinado estágio se apoia num processo filosófico religioso. Podemos ainda citar Marx, ao referenciarmos o problema do sujeito e do predicado neste período: “Em Hegel o pensamento é o ser, o pensamento é o sujeito, o ser é predicado [...] A verdadeira relação entre o pensamento e ser apenas, é esta: o ser é sujeito, pensamento o predicado” (MARX, 2005, p.20). Na afirmação de Marx, podemos perceber uma inversão em relação ao ser e ao pensamento; o que há de ficar claro é que o mérito não é de Marx e sim de Feuerbach. Ele foi o primeiro a rever o problema da relação entre sujeito e predicado; é o pensamento que deriva do homem e não o contrário; é o homem quem criou Deus como é compreendido.

Não obstante, Feuerbach também acusa Hegel de ter invertido a relação entre sujeito e predicado, no qual podemos ver, segundo nosso autor:

O método da crítica reformadora da filosofia especulativa em geral não se distingue do já aplicado na filosofia da religião. Temos apenas de fazer sempre do predicado o sujeito e fazer do sujeito o objeto e princípio – portanto, inverter apenas a filosofia especulativa de maneira a termos a verdade desvelada, a verdade pura e nua (FEUERBACH apud NICOLAU, 2010, p.17).

Este é um ponto importante, malgrado a aversão de Feuerbach, na construção da filosofia especulativa, esta apropriação do princípio de identidade entre ser e pensar, o que nada mais é do que o inteligível como o fundamento da realidade. Percebendo a inversão feita por Hegel será feita a reversão do que foi invertido, pois “desde Aristóteles o papel do sujeito é a primeira condição, a fundação, de um predicado; o papel do predicado, que para Aristóteles é sempre o condicionado, que vem em segundo lugar, o derivado” (BERTI, 2004, p. 24-25).

Assim se estruturou a modernidade especulativa, em fazer teologia novamente criticando a teologia; ora, estamos afirmando que ao criticar o teocentrismo a modernidade se fundamentou na teologia novamente, pois continuou no âmbito da abstração. Busca trabalhar a personalidade de Deus como um meio em que o homem transforma as determinações e concepções da sua essência em determinações e concepções de uma outra essência, isto é, de uma essência fora dele. Como já vimos, este é o processo de alienação religiosa, mas que podemos também observar na modernidade especulativa como uma alienação filosófica, em que tira o objeto da filosofia do real, isto é, o homem deixa de definir como sendo um ser real e se fundamenta em um “Eu” abstrato, não real.

Ao tratar o problema da filosofia especulativa, Feuerbach vai afirmar que: “Deus é a ideia do idealismo acabado e levado até ao extremo de seu princípio específico, a ideia do idealismo absoluto da filosofia especulativa” (FEUERBACH, 1976, p.24). Olhando atentamente esta afirmação, é possível perceber a junção entre teologia (Deus) e a filosofia (idealismo), ou seja, a ideia de que teologia e a filosofia moderna caminham juntas. O pensamento especulativo busca fazer uma junção entre “a unidade do pensante e do pensado” (FEUERBACH, 1976, p.25), ou seja, “Deus é um ser pensante; porém os objetos que pensam e o concebem não são distintos de seu ser; ao pensar as coisas não faz mais que pensar a si mesmo e permanecem em unidade ininterrupta consigo” (FEUERBACH, 1976, p.25). Os objetos não são nada mais do que “determinações do pensamento” (FEUERBACH, 1976, p.25). Os argumentos que envolvem a religião e o seu objeto (Deus) é um adentrar no obscurantismo, o qual Feuerbach vai buscar superar, pois esses argumentos apresentam “Deus como ser espiritual” (FEUERBACH, 1976, p.25), desencarnado, sem sentimento. Deus pensando por si mesmo será substituído pela capacidade do homem pensar sobre si mesmo, conhecer a si mesmo; podemos verificar de imediato uma solução ao idealismo, não é uma divindade metafísica que pensa sobre si, mas o homem busca autoconhecer, buscando autoconhecer-se chega à essência divina²⁷ (razão, vontade e sentimento) sua perfeição que no cristianismo encontra-se externalizada. Este é o caminho que devemos seguir em *A essência do cristianismo*, pois esta obra tem como lema a ideia do homem se autoconhecer, reconhecer a sua essência divina (“conheça a ti mesmo”), e o que se torna surpreendente é que neste autoconhecimento se encontra uma primeira definição da religião, como “consciência que o homem tem de si” (FEUERBACH, 2007a, p. 45).

Não há diferença, segundo Feuerbach, entre a filosofia especulativa (moderna) e a teologia; tanto o “teólogo como o filósofo especulativo concebem Deus desde o ponto de vista do pensamento” (FEUERBACH, 1976, p.17-18). São incapazes de perceber Deus como um ser sensível, real como o teísta; ou seja, do ponto de vista da existência, isto é, segundo a verdade, Deus é um ser sensível, pois a característica essencial de uma existência objetiva, de uma existência fora do pensamento ou da representação é a sensibilidade. Esta é uma visão positiva da divindade, pois Feuerbach não está negando a divindade e nem a religião; está deslocando Deus do campo da abstração para o campo da sensibilidade.

²⁷ Iremos tratar essa essência divina quando tratarmos da redução antropológica.

O teólogo e o filósofo especulativo estão presos na abstração do pensamento e na transcendência divina, assim, essa forma de pensar faz com que a filosofia e a teologia entrem em contradição com o homem, porque enquanto são abstrações puras o homem é um ser concreto, real; entram em contradição com o homem porque apresentam Deus como algo fora do humano, enquanto que o ser divino é o próprio homem, não desenvolvendo reflexões sobre a finitude humana. Os ciscos nos olhos desses pensadores não permitem que eles enxerguem a teologia como antropologia, pois tratar de Deus nada mais é do que tratar do homem.

Enquanto a filosofia especulativa está preocupada com “eu sou um ser abstrato, um ser puramente pensante e meu corpo não pertence à minha essência”, característica de um pensamento metafísico, “a nova filosofia inicia-se com a seguinte proposição: eu sou um ser real, um ser sensível, o meu corpo em sua totalidade é o meu eu, a minha essência” (FEUERBACH, 1976, p. 73-74), pois tudo que se “manifesta no espaço e tempo deve submeter-se às leis do espaço e do tempo” (FEUERBACH, 1976, p.105), ou seja, o real do espírito é a cabeça, “por mais universal que seja, conta sempre com um nariz, pontiagudo ou chato, fino ou grosso” (FEUERBACH, 1976, p.105).

Este é o anúncio da filosofia do futuro de Feuerbach, uma tentativa de deslocar a divindade e apresentar a verdade da religião cristã. E neste deslocamento ele determina que a razão não esteja acima dos sentidos e nem dos sentimentos, pois:

A nova filosofia se apoia na verdade do amor, na verdade do sentimento. É no amor, no sentimento em geral que cada um reconhece a verdade da nova filosofia. A nova filosofia [...] não é nada mais que a essência do sentimento elevada à consciência: a razão apenas afirma o que o homem reconhece em seu coração. O coração não quer objetos e seres abstratos, metafísicos ou teológicos, quer objetos e seres reais e sensíveis [trad. nossa] (FEUERBACH, 1976, p.73).

Apenas o que é percebido pelos sentidos é real. Enquanto a filosofia especulativa afirma que “o que não pode ser pensado não existe”, ele propõe que “o que não pode ser amado não existe” (FEUERBACH, 2002, p.82). O que não pode “ser amado não pode ser adorado e somente o que pode ser objeto da religião constitui o objeto da filosofia” (FEUERBACH, 1976, p.73). “O coração não é uma forma da religião; é a essência da religião” (FEUERBACH, 2002, p.14) e o coração aqui é o homem concreto, limitado. Desse modo, o objeto da filosofia é a realidade sensível, logo a religião irá tratar daquilo que existe de fato, porque ele é uma ligação do homem consigo mesmo e com o que está a sua volta.

Ora, pensando assim podemos ver Feuerbach escrevendo sobre o Deus humano em *A essência do cristianismo* e de divindades da natureza em *A essência da religião*.

Percebemos que Feuerbach faz uma junção entre filosofia e religião, na qual a “religião não é algo à parte, distinto da essência humana” (FEUERBACH, 1989, p.38), mas a própria essência humana; o filósofo de Landshut compreende a religião como a “manifestação de tudo o que sou”, e “não sou nada mais do que um ser que necessita de luz, água, ar e da terra” (FEUERBACH, 2005, p.24) e o que vai fazer com que ela surja é o “sentimento de dependência, o sentimento ou a consciência que tem o homem de não existir sem um ente destituído de si, de não dever a si a sua existência” (FEUERBACH, 2005, p.24).

A sua filosofia do futuro é uma redução da filosofia na religião, pois os problemas próprios da religião, como o “homem” (FEUERBACH, 2007a, p.36) e a “natureza” (FEUERBACH, 2005, p.30) são problemas também da filosofia e ao conduzir o pensamento filosófico dentro dos limites da religião, está ele a propor uma antropologia, em que o homem se relaciona com a natureza e com o outro. O que fica claro é que esta forma de compreender a religião será uma crítica à forma como Feuerbach entendeu a religião moderna a partir do pensamento moderno.

Assim como a nova filosofia é religião, a filosofia moderna derivou da teologia; mas qualquer uma delas tem algo em comum: o homem, seja ele em abstrato ou real; a nova filosofia é a filosofia do homem, do conhecer a si mesmo, do autoconhecimento, pois “a teologia, enquanto reflexão dogmática sobre o fenômeno religioso, deixa escapar a essência da religiosidade, que seria exatamente o coração e suas razões” (ALBINATI, 2015, p.78); ora, a religião para Feuerbach “toca na separação que se consagra na tradição filosófica entre razão e sensibilidade, e de certa forma a resolve a partir da sua unidade nas figuras de Deus Pai e Deus Filho” (ALBINATI, 2015, p.77), já “a filosofia moderna eleva o ‘eu penso’, a razão, o espírito, a um princípio auto-subsistente, em detrimento da materialidade sensível” (ALBINATI, 2015, p.77); em outras palavras, Deus não é tido como “um ser sensível”, mas sim “uma negação de todas as determinações e do sensível” (FEUERBACH, 1976, p.44). Isto fica claro com a citação que Feuerbach faz de Descartes: “Os sentidos, diz Descartes, não dá nenhuma realidade verdadeira, nenhuma essência, nem certeza; somente o entendimento, separado dos sentidos, dá a verdade” (DESCARTES apud FEUERBACH, 1976, p.44); aqui se encontra a parte cartesiana que influencia a modernidade especulativa. A filosofia pensada

por Feuerbach, de acordo com Serrão, é a filosofia prática, isto é, “a filosofia prática é a filosofia do futuro” (SERRÃO, 1999, p. 354); ela é a filosofia do futuro pelo fato de “não considerar o presente como momento terminal e definitivo” (SERRÃO, 1999, p. 354). O que é tido como “teoria” no futuro será tido como “prática”, é o processo de inversão do sistema predominante no contexto. Tendo em mente essas afirmações, podemos perceber que o pensamento de Feuerbach está além do seu tempo, pois reconhece que sua filosofia se encontra em um contexto impróprio para ser aplicada. Feuerbach anuncia sua filosofia como sendo uma filosofia do futuro, por pregar uma filosofia que se confronta com a filosofia vigente (filosofia especulativa), isto é, o tempo presente, entendido como um tempo de “ilusões refinadas e preconceitos de bruxa velha, é incapaz de descobrir e apreciar as verdades simples de que estes princípios são abstraídos” (FEUERBACH, 2002, p.38). A filosofia do futuro busca reconduzir a filosofia do reino das “almas penadas” (abstratas) para o reino das almas vivas, do concreto; busca fazer uma filosofia da realidade, uma religião imanente, uma filosofia que seja a própria história da humanidade, plenamente humana. Negando o abstrato da modernidade e a teologia, faz uma junção entre filosofia e religião e por fim coloca o homem como sendo o segredo da religião²⁸. Passamos a desenvolver a sua redução antropológica.

A redução antropológica é a solução encontrada por Feuerbach para a filosofia especulativa, e a verdadeira religião, como o podemos ler na passagem que segue: “A nova filosofia é a resolução plena, absoluta, não contraditória da teologia na antropologia; com efeito, é a solução da mesma não apenas, como a antiga filosofia, na razão, mas também no coração, em suma, no ser total e real do homem” (FEUERBACH, 2002, 95). Ele a considera como um resultado necessário da filosofia especulativa, isto porque o que foi resolvido pelo entendimento deve, por fim, ser resolvido também na vida, no coração, no sangue do homem. Este é um grande feito do nosso autor que foi o de transformar a filosofia absoluta do espírito em uma filosofia humana do homem; mas isto não quer dizer que a sua intenção não foi a de “[...] apresentar positivamente o homem, mas de arrancá-lo do invólucro idealista” (LÖWITH, 2014, p.347). A sua tarefa, como afirma no prefácio dos *Princípios da filosofia do futuro*, consistia em “deduzir da filosofia do absoluto, isto é, da teologia, a necessidade da filosofia do homem, isto é, da antropologia e, mediante a crítica da filosofia divina, fundamentar a crítica da filosofia humana” (FEUERBACH, 2002, p.38). O problema agora se

²⁸ Esta passagem pode ser conferida em FEUERBACH, 2007a, p.58. No texto FEUERBACH, 2002, p.19.

trata de “fazer do homem o assunto da filosofia e da filosofia assunto da humanidade” (LÖWITH, 2014, p.347). Para que se concretize é necessário que o começo da filosofia não seja Deus ou o absoluto, mas o homem finito e mortal, do ser que se relaciona com os outros e com a natureza e este mesmo ser é o ser concreto que a filosofia há de tratar, como já afirmamos anteriormente.

Ao homem são aplicados todas as perfeições que a teologia aplica a Deus e tudo que a filosofia especulativa atribui ao Absoluto, como: “a sabedoria, o amor, a infinitude e o absoluto mesmo” (CORTÁZAR, 1999, p. 47). O homem é perfeito e imperfeito, isto é, em processo, pois se reconhece que cada indivíduo tem limitações e não é totalmente pronto; a perfeição de que falamos não é atribuída ao indivíduo e sim ao homem entendido como gênero (essência), não é o homem individual que é perfeito e divino, e sim o homem enquanto essência humana. Essa essência humana é que se associa com a divindade e com o absoluto, é ela que dá significação ao homem e é aqui que Deus e homem se tornam a mesma coisa.

Essa discussão a encontramos em *A essência do cristianismo*, mas não é um tema que fica somente restrito a essa obra, pois nos *Princípios da filosofia do futuro* ele o retoma para fundamentar esta nova filosofia. N’*A Essência do Cristianismo*, Feuerbach deu margem a críticas, pois reduziu Deus ao homem e afirmou que a religião é a “consciência que o homem tem de si” (FEUERBACH, 2007a, p.44), e essa autoconsciência seria ainda resquício do pensamento hegeliano, mas “o ponto de vista antropocêntrico” será “superado em *A Essência da religião* por uma natureza não humana” (TOMASONI, 2015, p.93), porque a definição de religião em *A Essência do cristianismo* fez com que Julius Müller perguntasse: “por que o homem sente a necessidade de pôr fora de si um Deus”? (MÜLLER apud TOMASONI, 2015, p.93) A resposta dada em *A essência do cristianismo* “é idealista, segundo o qual o homem tem ideia de si como essência infinita”, segundo Tomasoni (2015, p. 93). Não vamos entrar no mérito de se Feuerbach é ou não idealista, mas somente para informar indicamos que essa sua obra que precede impulsionou outra, a *Essência da religião*.

Ao compreender que religião é antropologia, ou que Deus nada mais é do que o próprio homem, Feuerbach parte da seguinte preposição: “a religião é consciência que o homem tem de si”; uma inversão do pensamento hegeliano de que a religião é a consciência de Deus sobre si mesmo. Podemos perceber esta ideia a partir da seguinte escrita: “Ela [religião] é a consciência da relação com Deus e seu objeto é o absolutamente incondicionado,

absolutamente suficiente, existente por si, o começo e o fim último em e para si” (HEGEL, 1998, p.63). Deus é o único objeto da religião e também objeto da filosofia, ou seja, “o conteúdo da filosofia, sua necessidade e interesse são comuns com os da religião; seu objeto é a verdade eterna, somente Deus é a sua explicação” (HEGEL, 1998, p. 84). É com esta problemática que Feuerbach se confronta, a partir da qual propõe como objeto da filosofia e da religião o homem. Ao fazer esta inversão, não estamos falando de uma religião abstrata, estamos falando de uma religião que leva em consideração o homem, o real, uma religião que tira “o homem da lama em que mergulhou” (FEUERBACH, 2002, p.38). Essa afirmação no prefácio dos *Princípios da filosofia do futuro* busca negar a filosofia absoluta e colocar em seu lugar a filosofia do homem (antropologia). Este Deus humano, que estamos discutindo aqui, é o Deus do cristianismo e o processo para tirar o homem da lama se fundamenta dentro do próprio cristianismo; o filósofo irá perceber a compreensão errada acerca do cristianismo e se propõe a reformulá-lo, buscando o Deus humano na figura de Cristo.

Por natureza, o homem é religioso, ou seja, a religião é inata ao homem; mas afirmar que o homem é por essência religioso é compreender a religião como “o sentimento de dependência, o sentimento ou a consciência que tem o homem de não existir como um ente diferente de si” (FEUERBACH, 1971, p.4); o homem dependente do objeto religioso o busca constantemente, isto é, tudo aquilo que foi objeto de adoração sempre apresentou uma vantagem ou benefício ao homem. Passar a divinizar as coisas não é um simples acaso, primeiramente surge uma necessidade para que tal ato ocorra, que pode ser uma necessidade relacionada ao trabalho ou uma necessidade alimentar ou simplesmente uma busca de uma perfeição; é aqui que está o processo de afastamento do homem com relação ao ser divino

A dificuldade encontrada no processo de afastamento do homem face a uma essência divina que não seja a sua está no fato de haver uma ausência de consciência de si, isto é, a ausência da consciência da sua essência fundamenta a essência da religião cristã. Ele não reconhece a essência a não ser a sua, é um relacionamento consigo mesmo e quando ele aceita este relacionamento abre a mente para a redução. Para fundamentar o seu reducionismo Feuerbach parte do Deus cristão em que eles “adoram a Deus no homem” (FEUERBACH, 2007b, p. 99). O Deus cristão se apresenta como filho nascido da virgem; não o encontramos no sol, nem na lua ou em outras criaturas, mas com todas as qualidades humanas. Para Lutero, pensar Deus de outra maneira é um “pensamento inútil e idolatria” (LUTERO apud FEUERBACH, 2007b, p.99). Essa veneração do homem é para o filósofo a veneração do

homem como Deus; venerar Deus como homem é a veneração do próprio homem; e para clarificar isto partimos da seguinte ideia: “a veneração de Deus na razão não é outra coisa que a veneração de Deus como um ser racional, e, por conseguinte, a veneração da própria razão” (FEUERBACH, 2007b, p.100); tendo em mente este raciocínio, o processo de veneração do cristianismo é a afirmação de que adoramos o próprio homem. A aparente contradição entre Deus e homem é excluída, pois se assim não for não tem como venerar o Deus homem do cristianismo; ou em suas palavras: “se Deus é uma realidade distinta do homem, um ser não humano ou inumano, como posso venerá-lo no homem?” (FEUERBACH, 2007b, p.100). No homem há a sua essência, ele manifesta a si, expressa sua realidade. Isto possibilita que Feuerbach possa enxergar o cristianismo primitivo de uma maneira diferente do catolicismo recente buscando então demonstrar que o protestantismo, representando este homem Deus, está a adorar a própria essência dele, digamos, enquanto Deus-homem.

Por isto, o cristianismo apresenta um Deus que pensa como o homem, que sente e ama como o homem que é diferente da forma como os especulativos pensaram Deus; mas para falarem de Deus, os especulativos partiram do pensar-se-a-si-mesmo, do processo de auto-externalização de Deus. O processo de especulação é mais profundo do que a religião, pois o “ser pensado de Deus não é como um objeto exterior” (FEUERBACH, 2007a, p.228). A partir do “pensar-se-a-si-mesmo de Deus” (FEUERBACH, 2007a, p.228), ponto mais alto do idealismo absoluto, podemos perceber o abandono de Feuerbach do pensamento hegeliano. Mas não podemos deixar de afirmar que Feuerbach foi um pensador fascinado por Hegel, que se ocupou “com o espírito absoluto, que rege toda a realidade” (WEISCHEDEL, 2006, p.270), mas com o tempo foi se afastando dele, pois percebeu que este espírito não é o espírito do homem, mas o espírito de Deus enquanto ser abstrato. A sua paixão pelo homem fez com que ele encontrasse no próprio homem a divindade, definisse o próprio homem como um ser perfeito. O que interessa para Feuerbach é o homem, a essência humana que foi transformada em ente divino e isto faz com que Feuerbach repudie a “insensatez do absoluto” (WEISCHEDEL, 2006, p. 270), combatendo a especulação tanto na religião como na filosofia. Para Feuerbach “Deus como Deus – o ser infinito, geral, sem antropomorfismo, da razão, não tem mais importância para a religião”; isto é, devemos nos preocupar apenas com a essência humana e nos distanciarmos de um ente supremo. Ele compreende que o Deus como um ser metafísico é a inteligência realizada em si mesma e este ser perfeito, inatingível, o absolutamente positivo opõe-se “ao homem, na sua miséria e imperfeição humana,

absolutamente negativa e nula” (ALEIXO, 2009, p.20). Há aqui um pensamento de Deus como o extremo do homem, que para o nosso autor é o Deus da metafísica, “é a essência objectivada do entendimento” como afirma Aleixo (2009, p.20); ora a religião surge aqui como um desacordo, uma cisão do homem com a sua própria essência, pois as qualidades que ele atribui a Deus são qualidades retiradas da sua própria essência. Como vimos no tópico (Estranhamento de si mesmo) Deus foi colocado para fora do homem, “a personalidade de Deus é então o meio através do qual o homem transforma as determinações e concepções da sua própria essência em determinações e concepções de uma outra essência, de uma essência fora dele” (FEUERBACH, 2007a, p.228). A partir desta afirmação o nosso autor busca fazer uma inversão da forma como Deus é visto; a sua personalidade nada mais é que a personalidade do homem objetivada. Há nessa referência anterior ao processo da auto-externalização no qual se baseia também a doutrina especulativa hegeliana “que faz da consciência que o homem tem de Deus a consciência que Deus tem de si mesmo” (FEUERBACH, 2007a, p.228); este será o ponto de inversão proposto pelo nosso autor, ou seja, ele recusará e defenderá a ideia de que o conhecimento do homem acerca de Deus é o saber do homem sobre si mesmo; é um processo de auto-reconhecimento, de ter consciência de que aquilo que buscamos fora está dentro de nós²⁹, “não foi Deus que criou o homem, mas o homem quem criou Deus a sua imagem e semelhança” (CHAGAS, 2014, p.79) e sabendo isto adentramos no “conheça a ti mesmo”, proposta de Feuerbach a respeito d’*A essência do cristianismo*.

Em suma, podemos perceber que abordar temas filosóficos, segundo Feuerbach, nada mais é do que abordar os problemas da religião: as coisas reais, porque a religião, diferentemente da teologia, trata da realidade (homem e natureza), mas buscando ser prudente ao tratar de temas religiosos há a necessidade de negar a filosofia, para se fazer filosofia; negar a religião para se fazer religião e somente assim a religião possibilitará uma compreensão da realidade sensível e do homem, uma vez que em obras diferentes Feuerbach desenvolve versões diferentes da divindade, mas ambos são entes reais, seja ele a natureza (*Essência da religião*) seja ele o homem (*A essência do cristianismo*), englobando esta totalidade tanto antropológica quanto fisiológica, objetos sensíveis, e não especulações.

²⁹ O cristianismo se fundamenta desta maneira, pois podemos ver este reconhecimento da divindade no próprio homem em Santo Agostinho quando professa o poema Tarde Vos amei. “Tarde Vos amei, ó Beleza tão antiga e tão nova, tarde Vos amei! Eis que habitava dentro de mim, e eu lá fora a procurar-Vos!” (AGOSTINHO, 2003, p.243)

Há de consumarmos a discussão da religião discutindo a relação humana, o problema da essência e destacando o sentimento (coração), pois é aqui que a religião irá se concluir, é o fim e o início da filosofia, e quando falamos do homem temos que observar as suas relações, porque as relações são demonstrações do instinto de dependência, em que podemos perceber que é impossível o homem viver sozinho. As relações, associadas com o instinto de dependência, são um fator religioso filosófico, tendo-se aqui a necessidade de desenvolver mais um capítulo, para tratarmos dessa relação, porque no amor se concretiza a religião como algo positivo. O homem e suas relações são princípios da religião, fato este que estamos abordando em nosso texto; verificar algo de positivo na religião é desenvolver uma antropologia e as relações do homem, como um ser que se relaciona consigo e com os outros e isto se dá ou se consuma efetivamente com a ideia de amor.

III – O AMOR ENQUANTO CONSUMAÇÃO DA RELIGIÃO

3.1 A ESSÊNCIA HUMANA

Discutir a essência humana é tocar no ponto fundamental da filosofia feuerbachiana, pois ela é a libertação da alienação religiosa e é ao mesmo tempo o ente divino perfeito que se encontra no homem e, também, uma libertação do cristianismo, porque “o cristianismo já está tão deturpado e em desuso que até mesmo os representantes oficiais e eruditos do cristianismo, os teólogos, não sabem mais ou pelo menos não querem saber o que é o cristianismo” (FEUERBACH, 2007a, p.19), isto é, não estão preocupados em apresentar o cristianismo como de fato ele é, utilizá-lo como meio de manobra da massa. Para se afastar dessa interpretação, Feuerbach parte da essência humana como fundamental para o cristianismo, pois este tem um Deus humano. Uma qualidade desse Deus encarnado é a paixão; o amor mantido pelo sofrimento, isto é, os cristãos, diferente dos filósofos pagãos, que celebravam a autonomia do pensamento como a mais elevada atividade divina, “sacralizavam o sofrimento, colocavam mesmo o sofrimento em Deus” (FEUERBACH, 2007a, p.85), ele é visto pelos cristãos como uma *Passio Puro*, o puro sofrimento; isto demonstra que o seu Deus é plenamente humano. Observando as qualidades humanas que se encontra no Deus Cristão, Feuerbach percebe que no homem, em geral, há algo de perfeito e divino: a sua essência.

A essência humana é a libertação do homem enquanto ser (des)alienado, ela é a linha fundamental para uma crítica à religião e apresentação da mesma como sendo positiva. Para Feuerbach fundamentar sua nova filosofia, tem como centro o próprio homem, isto é “a consciência de si” (FEUERBACH, 2007a, p.45), reconhecimento da sua essência perfeita e a partir dela desenvolve o que há de necessário na religião que é a que sustenta em sua antropologia.

Feuerbach apresenta a essência humana ao contrapor o homem com o animal, uma vez que o animal não pode ter religião, pois este tem uma vida simples; isto é, a “vida interior é idêntica à exterior”³⁰ (FEUERBACH, 2007a, p.35) no animal, enquanto no homem encontramos uma vida dupla e a sua vida interior é o relacionamento com o seu gênero, com a sua essência. O animal não exerce nenhuma função de gênero sem um outro indivíduo fora dele, já o homem sim, pois exerce a função do pensar, do falar sem a necessidade do outro e com isto ele é para si um *eu e tu*.

Em contraste com o animal, a essência humana não se limita a ser o fundamento da religião, mas também o objeto da religião, como apresentamos na objetivação. Não há dúvidas que Feuerbach aceita a religião como sendo uma consciência do infinito, mas este infinito é “nada mais que a consciência que o homem tem da sua essência não finita, não limitada, mas infinita” (FEUERBACH, 2007a, p.36); vemos aqui uma diferenciação sobre o que é o infinito na religião. O infinito não está fora do homem, mas no próprio homem, ele é o homem enquanto gênero, enquanto essência perfeita; e não enquanto homem individual.

Ao propor uma essência humana, não podemos aceitar a ideia de que ele esteja negando Deus, mas reduzindo Deus ao humano, pois, deixar de acreditar em Deus é deixar de acreditar no homem: “A crença em Deus só acaba quando acaba a crença no homem” (FEUERBACH, 2007a, p.72). A religião não pode ser levada a sério se ela anula o homem, assim também quando ela desenvolve a ideia de um ente abstrato. Anular o homem no discurso religioso é o mesmo que anular as próprias qualidades humanas, a sua própria essência, aquilo que há de mais importante na religião, por isso que Feuerbach busca demonstrar que “Deus não é um mistério estranho ao homem, mas íntimo a ele”

³⁰ Segundo Schütz “Feuerbach, ao criticar a alienação religiosa, delineou uma estrutura crítica muito convincente. Segundo ele, somente o ser humano, por suas características peculiares, enquanto ser genérico” pode ter religião (SCHÜTZ, 2001, p.9).

(FEUERBACH, 2007a, p.24), não há oposição entre divino e humano, esta é apenas uma ilusão e a oposição encontrada no cristianismo justifica a ideia de Deus como sendo homem³¹; por mais que ele se apresente como um Deus incomensurável, senhor de todas as perfeições, inatingível, absolutamente positivo, que a princípio se opõe ao homem, na sua miséria e imperfectibilidade, absolutamente negativo e nulo. Este Deus pensado como extremo do homem é o Deus da metafísica, é Deus em si, é a essência objetiva do entendimento, é a consciência que o entendimento tem da sua própria perfeição, manifestação da doutrina idealista e representação do cristianismo especulativo.

A filosofia feuerbachiana surge aqui como um desacordo à esta mentalidade, ela é uma cisão do homem com a sua própria essência e um recolocar o homem consigo mesmo. Isto é, ela é uma cisão porque Deus entendido diferentemente do homem é aceitar que são opostos, pois não tem um reconhecimento da essência humana como sendo divina, e só há cisão de algo que estava junto anteriormente; como afirma Feuerbach “a necessidade interna desta demonstração já resulta do fato de que se realmente a essência divina [...] fosse diferente da do homem, não seria possível uma cisão” (2007a, p.64). A sua ideia é demonstrar que a essência da religião é a essência do homem, que a teologia na verdade é antropologia, que a suposta unidade entre a essência divina e essência humana é, parafraseando-se Souza, a unidade da essência humana consigo mesma, que a sua cisão na verdade é uma reafirmação do homem como sendo divino. Para fundamentar essa afirmação de Souza, recorreremos a Feuerbach: como ele faz esta referência da inversão da teologia em antropologia? É a partir do processo de objetivação que teremos uma resposta. Para ele “o objeto do homem nada mais é do que a sua própria essência objetivada” (FEUERBACH, 2007a, p.44); sendo assim, Deus é consequência humana, pois “como o homem pensar, como for intencionado, assim é o seu Deus: quanto valor tem o homem, tanto valor e não mais tem o seu Deus” (FEUERBACH, 2007a, p.44), ambos são, enfim, a mesma coisa.

³¹ Deus e homem se contrapõem como marido e mulher, comparação utilizada por Lutero e associada por Feuerbach. Se a mulher faz tudo para o homem, lava, passa, cozinha; não tenho necessidade de fazer isto, ou seja, “quando a mulher é ativa eu sou inativo, se ela é algo eu sou um nada” (FEUERBACH, 2007c, p.18), segundo essa análise, o que tem na mulher, não há necessidade de ter em mim e o que é da esposa é também do seu marido. Assim ocorre com Deus, o que tem Nele tem em ti mesmo, Deus é objeto assim como a mulher é objeto para o homem, mas objeto não entendido como um objeto casual, não é uma propriedade e sim um objeto essencial, pois ambos têm o que a ti te falta. Deus é o que tu não és, porque nos completamos; ele não é Deus em si mesmo, só tem sentido com o homem, ou seja, “Deus é uma palavra que tem significado no homem” (FEUERBACH, 2007c, p.23), sem o homem Deus não tem sentido.

Brandão (2007 p.7) afirma que “o homem projeta em seus deuses todos os anseios, sentimentos mais elevados e profundos”, com isto, Feuerbach busca fazer uma humanização de Deus, na qual o homem retira de si a sua essência, para adorá-la fora de si; sendo este o seu objeto. Por que o homem colocou fora de si a divindade? Pelo simples fato de que “somente é objeto da religião, da adoração, aquilo que é objeto dos desejos humanos” (FEUERBACH, 1989, p. 56). Nas *Preleções* o nosso autor afirma que: “o homem adora como Deus tudo aquilo de que ele sabe ou crê ser a sua vida dependente” (FEUERBACH, 1989, p. 49), como já observamos no surgimento da religião.

Mas como ocorre a junção da essência humana com a divina? Na obra *A Essência do Cristianismo*, Feuerbach apresenta a essência do homem a partir de uma trindade divina: *Razão, Vontade e Coração* (FEUERBACH, 2007a, p.36) na qual ele (o homem) sabe desta essência por causa da sua consciência de gênero, e será isto que diferenciará o homem do animal. Uma “consciência no sentido rigoroso” é uma consciência de “sentimento de si próprio, de capacidade de discernimento sensorial, de percepção e mesmo de juízo das coisas exteriores conforme determinadas características sensoriais” (FEUERBACH, 2007a, p. 35); não é uma consciência de si no formato especulativo, porque esta consciência de si não tem lugar para o sentimento; o entendimento desenvolvido pela teologia e pela filosofia especulativa nada sabe dos assuntos do coração, do amor ou da emoção; ele “representa aquela parte da nossa essência absolutamente neutral, imparcial, friamente objectiva, não influenciável, porque ele mesmo é sem contradição” (ALEIXO, 2009, p.20).

O homem é este ser que tem a consciência de gênero, que tem a consciência da sua essência (quididade). Esta redução do divino em humano se dá pela forma que Feuerbach compreende o gênero humano, no qual o seu gênero é objeto para si (FEUERBACH, 2007a, p.35). Para tentar compreender esta relação de gênero Chagas faz uma abordagem a partir do paganismo e do cristianismo:

É significativo ainda, para se depreender a diferença entre o Cristianismo (monoteísmo) e o paganismo (politeísmo), a relação entre a espécie (o individual) e o gênero (o universal) [...]: o Deus pagão é um deus ‘patriota’, ‘nacionalista’, ‘limitado’, porque o pagão não ultrapassa os limites de sua nacionalidade: o deus cristão é, ao contrário, ‘cosmopolita’, ‘universal’, ‘infinito’, porque ele não está limitado a uma determinada nação. [...] no paganismo, o homem faz da essência de sua espécie uma essência absoluta, ou seja, ele não se eleva sobre sua espécie que se encontra no âmbito da pluralidade, razão pela qual há aqui muitos deles; no cristianismo, ele se

eleva para o gênero, [...] as diferenças das espécies foram aqui suprimidas (2004, p.86).

O gênero é a essência do indivíduo, ou seja, a realização do gênero se dá pela trindade divina como já citamos anteriormente: *Razão, Vontade e Coração*. O reconhecimento feito por nosso pensador sobre o gênero humano é a sustentação da religião, pois essa unidade da razão, da vontade e do amor é objetivada, isto é, “Feuerbach demonstra que tudo o que constitui um objecto para o querer, para o pensamento ou para o coração do homem, nada mais é que a objectivação da própria essência: seja o que for que o homem ponha põe-se sempre a si mesmo” (ALEIXO, 2009, p.9) essa afirmação tem como conclusão a ideia de Deus como ser divino e perfeito que nada mais é do que a objetivação da essência genérica humana, ela mesma divina e perfeita. Orar, para se consolidar como um homem concreto, ele deve possuir: “força do pensamento, a força da vontade e a força do coração” (FEUERBACH, 2007a, p. 36); estes são os mais altos poderes, a essência absoluta do homem enquanto homem no qual ele (o homem) não oferece resistência. Esses são “objetos do homem, pois ele nada é sem ele” (FEUERBACH, 2007a, p. 37).

Sendo assim, o ser absoluto, infinito, o Deus, é a sua própria essência, como ele próprio afirma nas *Preleções*: “o deus do homem não é nada mais que a essência divinizada do homem” (FEUERBACH, 1989, p.23); isto é, “o segredo da religião, aquilo que constitui a sua essência é o homem” (ALEIXO, 2009, p.5). Se Deus for um ser diferente, do que me interessa, a propósito, a sua perfeição? Se a natureza divina não for idêntica à natureza humana como é que Deus pode sentir os meus problemas, as minhas angústias, os meus anseios, as minhas dores? Ele sente porque é humano, se preocupa porque tem compaixão, é um ser finito, pensar ele de outra forma é apenas compreendê-lo como um objeto do pensamento; sem significação, pois não é um ser concreto. Esta finitude afirmada se expressa a partir de uma análise de uma essência específica: o coração (sentimento, o amor), nela se concretiza a filosofia de Feuerbach, pois demonstra a limitação humana enquanto ser individual, mas que em essência é um ser perfeito. Temos a necessidade de desenvolver essa ideia da relação e do amor.

3.2 O AMOR E A COMUNIDADE

Este tópico irá destacar a relação entre amor e comunidade, e vamos perceber que ambos se encontram unidos, porque do amor surge a comunidade; ele se opõe à abstração, e à

alienação religiosa, pois o amor quer entes reais, sensíveis, ou seja, o coração se apega àquilo que está próximo dele, “assim, neste órgão do concreto e da proximidade localiza-se igualmente o órgão do coletivo e da ligação comunitária” (SERRÃO, 1999, p.224). Tratar do amor e da comunidade é destacar o princípio do diálogo, pois o amor tem como ponto de partida a ideia do sentimento, o sentimento demonstra a relação com algo, ou a dependência de algo; ele fundamenta o surgimento da religião, uma vez que essa surge de acordo com o sentimento do homem em relação a algo. Nós nos relacionamos com tudo o que está em nossa volta e com o outro, com isto somos seres dependentes e determinados e se nos relacionamos com o outro a ideia de comunidade é algo essencial, e falar de filosofia só tem sentido se levarmos em consideração o princípio do diálogo, chave da antropologia feuerbachiana.

O amor é uma das essências divinas que Feuerbach apresenta n’*A essência do cristianismo*; mas além de ser um dos elementos da trindade divina, termo próprio de Feuerbach, ele é a realização da humanidade e da própria filosofia, porque busca os entes reais, se relaciona com o concreto, deixando de lado todas as especulações formuladas pela razão. O amor se torna crucial, porque é a partir dele que ocorre o diálogo, e a autenticidade da capacidade de amar decorre do respeito para com o outro, porque somente um ser pleno é capaz de amar “é capaz de dar, de sair para além de si, de se expandir” (SERRÃO, 1999, p. 230). Ele demonstra que a realização do amor se dá no diálogo, porque “quanto mais eu quero ser para outro, tanto mais tenho de ser também para mim mesmo”; ora, é no doar-se ao outro que o homem se realiza, é no encontro com o outro que nos realizamos como humanos e este encontro com o outro faz com que reconheçamos que somos sensíveis, limitados, de carne e osso.

O homem reconcilia consigo, pois é capaz de reconhecer que é um ser capaz de relação; um ser capaz de amar. Feuerbach atribui ao amor uma esfera de grande amplitude no qual podemos encontrar na sua base “a força básica da coesão universal, o amor do homem pelo homem; seguidamente, as formas intersubjectivas do amor e da amizade” (SERRÃO, 1999, p.228); isto é, o amor é o que faz com que impere no mundo uma certa harmonia, pois reconhecendo o outro com sendo um igual a mim passo a respeitá-lo, mas isto só é possível quando, primeiramente, me reconheço como sendo perfeito e limitado (ser individual e de gênero). Este amor encontrado na essência humana é associado com o amor do Cristo, pois “a consciência do amor é a contemplação de Deus como um ser humano” (FEUERBACH, 2007a, p.77); a encarnação é um fenômeno real e sensorial da natureza humana de Deus.

O diálogo é a chave da sua filosofia pelo fato de que a sua redução antropológica não leva em consideração o Deus isolado, ente perfeito e metafísico, e sim o homem e sua totalidade, a realidade em que ele está inserido, ele como um ser que necessita do outro e da natureza. A abertura do homem ao outro é uma parte de importância significativa, pois ao abrimo-nos reconhecemos que não nos esgotamos na individualidade, que a fraqueza não está no ato de demonstrarmos as nossas necessidades e sim em quereremos nos isolar. Afirmamos que o isolamento é uma fraqueza, porque é mais simples tentarmos resolver tudo a partir do meu eu. Ele passa a ser a medida, para lembrarmos Protágoras, de todas as coisas, mas quando passamos a considerar o homem integral, o homem que se conhece e que se deixa conhecer assumimos uma postura diferente; pois deixo de ser a medida para tudo e o homem enquanto ser de relação passa a sê-la.

A filosofia que estamos discutindo na presente dissertação é uma alternativa ao racionalismo hegeliano e a toda filosofia abstrata. Ela tem como “ponto de partida a intuição, a sensibilidade, o coração, a experiência, o olhar, a contemplação, a natureza” (HAHN, 2003, p.49). Estes pontos, afirmados na citação anterior, são pontos que colidem com todo ideário hegeliano; eles expressam a realidade, que é o único ser real. Ao colocar esses pontos se percebe uma crítica com muita precisão ao pensamento hegeliano, que se “vincula muita à ideia e à religião, ignorando as necessidades do homem” (HAHN, 2003, p.45). Para levar em consideração as necessidades do homem, temos que apresentar este como um ser de relação e o coração se torna algo importante, porque é a partir dele que somos reconhecidos como seres humanos. Ou seja, o sentimento (amor) é fundamental para a existência humana, pois com ele nos relacionamos com o outro e com a natureza.

O homem como um ser de relação tem uma relevância significativa, pois já havíamos discutido o tema que leva o surgimento da religião: o instinto de dependência, ou seja, é a relação do homem com a natureza, com os animais, com o próprio homem ou consigo mesmo, que possibilita o surgimento da religião. A religião é a manifestação da totalidade do real, ou seja, só podemos falar em realidade quando levamos em consideração o homem e a natureza; a religião existe porque o homem se relaciona consigo, com a natureza e com o outro. O relacionamento subtende afetividade, sentimento em relação a algo; aqui está a importância do coração no pensamento de Feuerbach. Aqui está o fazer filosofia segundo o nosso autor.

Se o sentimento é fundamental, o segredo do verdadeiro ser é revelado no amor, pois o amor sendo condição necessária para a existência, “nada ser e nada amar” (FEUERBACH, 2002, p.82) é a mesma coisa. Estamos defendendo, já tem algumas páginas, que o verdadeiro ser é o ser real. O ser real que estamos a falar é o homem, pois “a nova filosofia considera abordar o ser, tal como é para nós, enquanto seres não só pensantes, mas também realmente existentes – por conseguinte, o ser enquanto objecto do ser – como objeto de si mesmo” (FEUERBACH, 2002, p.80). O nosso autor buscou trabalhar o “ser enquanto objecto do ser” (FEUERBACH, 2002, p.80); este é o ser da sensação, dos sentidos, do amor. O puro pensamento é deixado de lado e é colocado o homem em sua integralidade, como um ser natural. O homem tomado em sua integralidade é um “corpo consciente” (FEUERBACH apud HAHN, 2003, p.44), entendido assim ele não pode ser considerado como um ser isolado, mas como um ser de relação.

Quando o amor é colocado como sendo o segredo do homem, estamos apresentando o homem como um sujeito de relação *eu* e o *tu* e com a natureza. O coração tem um papel essencial na filosofia de Feuerbach, pois ele é o próprio sensualismo, ela nada mais é do que “a essência do sentimento elevada à consciência” (FEUERBACH, 2002, p.81) e ele representa a finitude humana, o sentimento, fonte do prazer. O coração é a antítese da sua filosofia e ao mesmo tempo início da filosofia.

O coração tem necessidade de um outro ser, ou seja, estamos afirmando que o homem não basta a si próprio, como a ideia racional de que a razão basta a si mesma. Em defesa do coração, o nosso autor irá se apegar ao pensamento francês, para ele “o coração – princípio feminino, o sentido do sensível, a sede do materialismo – é de inspiração francesa” (FEUERBACH, 2002, p.29). O coração tem capacidades de fazer revoluções, pois nele há a efervescência, paixão, sangue e onde isto está aí também reside o espírito; ora, concordamos com os idealistas de que no homem está a origem das ideias, mas discordamos quando esta origem se dá no homem isolado, do eu absoluto. “Só mediante a comunicação, apenas a partir da conversação do homem com o homem brotam as ideias” (FEUERBACH, 2002, p.86); a comunidade se torna algo importante em Feuerbach porque é o ponto mais alto de toda inversão do hegelianismo, cooperação é levada em consideração pelo nosso filósofo pelo fato de não haver sentido tratar da filosofia, da religião, a partir de problemas abstratos e isolados, que se fecham em si.

O conhecimento verdadeiro é fruto da negação do pensamento abstrato. Para justificar esta afirmação e complementar o que estávamos a discutir anteriormente, partimos da seguinte ideia: “Os instrumentos e os órgãos essenciais da filosofia são a cabeça [...] e o coração” (FEUERBACH, 2002, p.28). A primeira é apresentada como fonte da liberdade, infinidade metafísica e do idealismo; já a segunda é fonte da finitude, da afecção, da necessidade, do sensualismo. Aqui há uma confrontação entre o pensamento e a intuição, no qual a intuição e o sentido são a necessidade do coração e o pensamento é a necessidade da cabeça. Dentro deste discurso, o pensamento é associado ao princípio da escola³², e ao sistema; já a intuição é associada ao princípio da vida. Essas associações feitas pelo autor levam-no a afirmar que “pela intuição sou determinado pelo objecto; no pensamento, sou eu que determino o objecto” (FEUERBACH, 2002, p.28). Ao afirmar que o objeto é determinado pelo homem, como conclusão, temos a ideia de que eu sou eu e já na intuição um não-eu; estamos afirmando que somente negando este abstracionismo, esta busca constante de querer determinar as coisas pelo pensamento, é que construiremos a filosofia verdadeira. É nos deixar moldar pelas coisas que estão à nossa volta e isto é consequência da paixão, a “partir do ser-determinado pelo objeto [...], a partir da fonte de todo prazer e necessidade” (FEUERBACH, 2002, p.28). Fazendo jus ao que afirmamos anteriormente, em que ele aceita a ideia da razão ser a origem do conhecimento, mas não a razão isolada e sim a razão em comunicação, é que ele irá afirmar que na junção entre pensamento e intuição se encontra a vida e a verdade. Podemos ver no texto que se segue:

A intuição dá a essência imediatamente idêntica à existência, o pensamento proporciona a essência mediatizada pela distinção, a separação da existência. Portanto, só onde a existência se une à essência, a intuição ao pensamento, a passividade à actividade, só onde o princípio anti-escolástico e sanguíneo do sensualismo e do materialismo franceses se unem à fleuma escolástica da metafísica alemã é que se encontra a vida e a verdade (FEUERBACH, 2002, p.28)

Para podermos afirmar que o coração tem necessidade de um outro ser, partimos da ideia de Trindade inspirada no cristianismo. É perceptivo na Trindade o início do diálogo; mas ele passa a interpretar de outra maneira, pois antes ela “era o mistério supremo, o ponto central da filosofia da religião absoluta” (FEUERBACH, 2002, p.99); mas o que se percebe nela é o segredo do convívio entre o eu e o tu. Ora, como a *trindade* fala de uma união

³² A escola que Feuerbach está fazendo referência aqui é ao sistema escolástico, que se confronta com o seu sensualismo. Cf. FEUERBACH, 2002, p.28.

substancial entre as três pessoas de uma mesma essência, essas três pessoas são iguais; a relação eu e tu só pode ocorrer com a união de seres idênticos em essência. Não tem sentido algum falarmos em essência humana (razão, vontade e sentimento) se não considerarmos a ideia de comunidade, pois ela não se manifesta no homem singular e sim nele enquanto um ser de relação.

Partindo da trindade, e levando em consideração o pensamento do nosso autor, a união das três pessoas divinas é a “unidade do homem com o homem” (FEUERBACH, 2002, p.98). O que queremos dizer com isto? Que o homem é um ser comunitário, é necessário destacar a relação eu e tu, pois é a partir dela que o homem adquire a consciência de si e do gênero humano. Vejamos aqui que o homem que Feuerbach está a criticar é aquele que tira de si a essência do homem, o homem singular. Está aqui uma grande novidade, a substituição da filosofia moderna especulativa pela filosofia reformada do tu; o homem não tem como fim a individualidade, ele tem, fora de si, a sua continuidade. O homem não basta a si mesmo: bastar a si mesmo é reafirmar aquilo que Feuerbach vem criticando que é a junção do *l'état c'est moi* (O estado sou eu) do monarca absoluto e o *L'être c'est moi* (Eu sou o ser) do Deus absoluto, que por consequência se torna o: *la vérité c'est moi* (Eu sou a verdade). Para ele o verdadeiro pensador é aquele que afirma “sou um homem com os outros” (FEUERBACH, 2002, p.99), desconsiderando o egoísmo como um eu único.

Ao falarmos desta relação eu e tu, estamos a tratar da verdadeira dialética em que ela “não é um monólogo do pensador solitário consigo mesmo” (FEUERBACH, 2002, p.99). Observando desta forma, dialética para ele é “a ciência das ideias e a arte do diálogo como meio para encontrá-los” (CORTÁZAR, 1999, p.62).

Em suma, o amor é a essência do homem concreto, pois é a fonte da finitude, da afecção, da necessidade, do sensualismo e isto faz com que o homem busque se relacionar com o outro, pois o homem isolado não tem sentido. Falando deste homem enquanto ser de relação, somos instigados a buscar a representação deste homem concreto e de sentimentos na própria história da religião; Feuerbach busca no próprio cristianismo a figura que representa essa essência humano (o amor), o Deus encarnado que possibilita com que o homem tome consciência do amor e se reconcilie consigo mesmo. No que trata do problema do amor, nos deparamos com o problema do homem, como já estamos desenvolvendo no decorrer do texto; mas existe algo do homem que é de suma importância para o problema antropológico do

pensador e, por conseguinte, para o problema religioso: a sexualidade, que se encontra ligada com os problemas das relações e com a essência, pois o homem assume uma dupla dimensão, o que o diferencia do animal: ele é individual e genérico. Por isso, há a necessidade de desenvolvermos e fecharmos com um tópico sobre a sexualidade, que se relaciona com a problemática do amor.

3.3 AMOR E SEXUALIDADE

Em nosso autor podemos ver que há duas dimensões humana, ou como ele mesmo fala: “o homem possui uma vida interior e uma vida exterior” (FEUERBACH, 2007a, p.35). Essa afirmação de Feuerbach tem que ser levada em consideração, pois o homem total é o homem formado por corpo e espírito, assim, não podemos reduzi-lo apenas a um órgão, afirmando que ele é apenas racional ou razão, pois foi assim que os idealistas apresentaram o homem, como sendo “alma, razão” (CORTÁZAR, 1999, p.51), mas temos de apresentá-lo enquanto um ser composto por essas duas dimensões, pois somente assim podemos entendê-lo como um homem total.

O homem total, no qual não o diferenciamos do homem real, é o ser concreto; ele é o ser sagrado da religião, o objeto da filosofia, por conseguinte a antropologia é a mais nobre das ciências, pois ao mesmo tempo em que é humana é sagrada. É sagrada porque o ser da antropologia é também um ser divino em sua essência, isto é, o homem e Deus não são diferentes: são a mesma coisa. Ao colocar o ser real como sendo o ser concreto, nos deparamos, aqui, com a oposição aos idealistas, no qual se afirma que “o único ser real é o ser concreto” (FEUERBACH, 1974, p.36), com isto, a consequência deste homem real é a de que ele é um ser corpóreo; tem um corpo sensível, e isto pertence à essência humana. Ora, fazemos esta afirmação porque estamos levando em consideração o sentimento (coração) uma das essências humana, e só podemos aceitá-lo quando partimos do homem individual, que tem um corpo que representa toda a debilidade, limitação e dor. Com isto, se percebe uma acentuação no real, o corpóreo como algo essencial para a construção da sua nova filosofia:

onde não existe nenhum limite, nenhum tempo, nenhuma aflição, também não existe nenhuma qualidade, nenhuma energia, nenhum espírito, nenhuma chama, nenhum amor. Só o ser indigente é o ser necessário. A existência sem necessidades é uma existência supérflua. O que é em geral isento de necessidades também não tem qualquer necessidade da existência. Quer ele seja, ou não, é tudo um – um para si mesmo, um para os outros. Um ser sem indigência é um ser sem fundamento. Só merece existir o que pode sofrer. Só o ser doloroso é um ser divino. Um ser sem afecção é um ser sem ser. Mas um ser sem afecção nada mais é do que um ser sem sensibilidade, sem matéria (FEUERBACH, 2002, p.27).

A essência humana está intimamente ligada com o limite, com o material, pois um ser sem essa necessidade da matéria é um ser destituído de sentido³³, o limite demonstra toda nossa fraqueza, toda nossa humanidade. As características materiais, ou melhor, corpórea que demonstram o limite humano, são fatos que apresentam o homem como realmente ele é, um ser corpóreo, sexuado; isto é, o corpo é o que dá o fundamento, ele é o agente da personalidade, porque “somente através da exclusividade espacial afirma-se a personalidade como real” (FEUERBACH, 2007a, p.112). Mas quando referimos ao corpo, temos que ter consciência de que o “corpo nada é sem carne e sangue” (FEUERBACH, 2007a, p.112), e carne e sangue nada são sem o “oxigênio da diferença sexual” (FEUERBACH, 2007a, p.112), ou seja, a carne e o sangue é a designação do homem enquanto um ser material, a sexualidade impõe uma diferença que abarca a essência do homem e o seu corpo.

A discussão acerca da sexualidade é uma consequência do problema do homem universal (gênero), isto é, a sua proposta de uma nova filosofia tem a sexualidade um dos pontos mais significativos, pois tudo irá se resumir no homem concreto, corpóreo; princípio e fim da filosofia e da religião. A sexualidade “abarca todas as partes do ser humano, desde o cérebro até os pensamentos” (CORTÁZAR, 1999, p.57), não é apenas uma parte do corpo, mas impregna todas as partes; e esta discussão em torno da sexualidade “chega até ao reconhecimento da diferenciação em feminino e masculino como uma característica essência e indelével” (SERRÃO, 1999, p.233), isto porque, “a carne e o sangue não são nada sem o oxigênio da diferença sexual” (FEUERBACH apud CORTÁZAR, 1999, p.57). Ela abarca o homem em sua totalidade, porque sexuado é o meu sentimento, meu pensamento; é da natureza humana, uma realidade humana que não podemos contornar. A sexualidade se torna algo a ser levado em consideração por Feuerbach, pois é a forma de corporizar o sujeito abstrato e esse sujeito abstrato, espírito infinito “em contraste com o finito não é então nada mais que a inteligência abstraída (posta ou pensada em si mesma) das limitações da sua individualidade e corporalidade” (FEUERBACH, 2007A, p.65). Ora, o corpo tem uma importância significativa porque ele diferencia personalidade real da personalidade imaginária, e a personalidade real é o objeto da filosofia de Feuerbach, síntese do seu pensamento a realização da antropologia em religião e filosofia.

³³ Isto é perceptível na citação, no qual Feuerbach afirma que: “Um ser sem indigência é um ser sem fundamento” (FEUERBACH, 2002, p.27).

O amor é o reconhecimento ao sensualismo, isto é, ele dá uma importância significativa em sua antropologia ao corpo que “é sensível e sexuado” (CORTÁZAR, 1999, p.56) e de relação, pois o:

coração é algo de social, de comum. Ele é o sentido coletivo do homem. É por isso que não há propriamente um coração mau. Existem apenas corações bondosos ou sem corações. O coração é o impulso sexual da virtude, pois o fundamento da virtude é o sentido para o género, o sentido para o universal (FEUERBACH apud SERRÃO, 1999, p.224)

Tratar do amor, isto é, do homem total (corpo e espírito) é falar do homem enquanto ser dotado de duas dimensões: temos uma dimensão individual, que é a consideração da sexualidade e uma valorização corpórea e uma dimensão comunitária que valoriza o homem como um ser de relação.

A sexualidade abarca todas as facetas do ser humano, “desde o cérebro até os pensamentos e sentimentos: eu mesmo sou, em sua opinião, homem ou mulher” (CORTÁZAR, 1999, p.57). Ela não é apenas uma parte do corpo e nem do homem total, mas impregna todas as partes; a sexualidade não se reduz à função de procriação: “ela é uma característica que marca o ser humano em todas as dimensões desde as mais internas às mais externas” (CORTÁZAR, 1999, p.57), por isto, não se pode separar a sexualidade do homem, pois ela o determina. Aqui tem o homem concreto real que Feuerbach tanto afirma; mas este homem individual só tem sentido quando se relaciona, pois o indivíduo não esgota o homem, “nenhum ser que seja só vai afirmar categoricamente como sendo verdadeiro, completo e absoluto” (FEUERBACH, apud CORTÁZAR, 1999, p.60).

Discursar sobre o amor e a sexualidade é falar do laço amoroso, mas laço amoroso só é possível somente com seres semelhantes, possuindo o idêntico estatuto de humano. Como afirma Feuerbach: “decerto que o coração tem necessidade de um outro ser, porém de um ser, porém só de um ser tal que seja seu semelhante, não diferente do coração, que não contradiga o coração” (FEUEBACH, apud SERRÃO, 1999, p.228). Este é o tipo de amor dual, amor relação que se diferencia de outros estágios afetivos e está fundamentado na existência do corpo.

O corpo é uma representação da natureza, pois é evidente por si mesmo; ele é “aquela força negativa, limitadora, compacta, opressora sem a qual nenhuma personalidade é concebível” (FEUERBACH, 2007a, p.112). Assim, o nosso autor está dizendo que é

impossível pensar em consciência sem natureza, é uma abstração vazia, e o corpo nada é sem carne e sem sangue. A corporificação tem este sentido forte, pois ele é o real na sua realidade efetiva, o real enquanto objeto dos sentidos, dessa forma, ele se torna objeto da nova filosofia³⁴, e sendo o corpo (o homem corporal) objeto da nova filosofia, ele só pode ser objeto para outro ser real.

Ao percebermos a existência do corpo, averiguamos que há uma diferença entre o homem e a mulher, mas não é uma diferença sexual superficial, restrita apenas a algumas partes do corpo, mas sim uma diferença essencial. Essa diferença essencial se estrutura da seguinte maneira: a “essência do homem é a masculinidade, a da mulher é a feminilidade” (FEUERBACH, 2007a, p.113), com isto, a personalidade³⁵ não tem sentido sem a diferença sexual, pois por mais que o homem ou a mulher sejam seres espirituais e hiperfísicos permaneceram sempre homem e mulher.

A condição necessária para a existência de um Eu é a existência de um Tu, e vice-versa, que é a fundamentação do diálogo, porque uma vez que o homem é um ser de relação ele só toma consciência de si a partir do outro; a diferença entre este Eu e Tu, condição fundamental de qualquer personalidade, se torna mais viva enquanto diferença entre homem e mulher.

Um ser sem natureza vale o mesmo que um ser sem sexo; ora, se o ser divino não se torna impuro com a natureza, pois um Deus moral sem natureza não tem base, também não se torna impura pelo sexo; uma vez que o sexo é próprio do animal e do homem e se Deus não é algo metafísico, a sexualidade pertence a ele assim como a natureza está atrelada a ele. Nessa condição de sexualidade encontramos um rastro da divindade, algo nobre, uma vez que “todo o esplendor da natureza, todo seu poder, toda sua sabedoria e profundidade se encontra e se individualiza na diferença sexual” (FEUERBACH apud CORTÁZAR, 1999 p.59).

Em suma, o homem completo é este ser de uma dupla dimensionalidade, no qual é um ser perfeito em essência e limitado em sua corporeidade; essa sua dimensão corporal só tem sentido atrelada à sexualidade, pois a dimensão sexual não se reduz à procriação, mas uma

³⁴ Como Feuerbach afirma: “O real na sua realidade e totalidade, o objecto da nova filosofia, é também só objecto para um ser real e total” (FEUERBACH, 2002, p.93)

³⁵ É uma abstração do ser concreto, consciência. Para Feuerbach, a “personalidade, eguidade, consciência sem natureza não é nada ou, o que dá na mesma, é uma abstração vazia, sem essência” (FEUERBACH, 2007a, p.112).

característica que marca o ser humano em todas as suas dimensões, desde a mais interna à mais externa, por isto, ela não pode se separar daquilo que se chama espírito e nem do corpo e como o amor é a essência humana que demonstra o homem como de fato ele é, a sexualidade se relaciona com esta essência divina.

CONCLUSÃO

Sem sombra de dúvidas, o problema fundamental da filosofia feuerbachiana é o da alienação, por mais que tivemos como intenção desenvolver o texto a partir de uma visão positiva da religião, buscando com isso a afirmação do homem, isto só se torna possível por que o homem real, que em essência é divino e em corporeidade é um ser limitado, fraco, frágil, colocou para fora de si aquilo que encontrava nele. A alienação é um dos conceitos que mais se destaca no pensamento de Feuerbach, e por ser uma definição importante podemos correr o perigo de reduzir Deus à alienação; não estamos negando que Feuerbach faça isto, pois ele faz com o Deus Transcendente e colocando uma nova noção de divindade. A sua noção do objeto religioso como algo estranho a si lhe custou caro, porque confrontou e afrontou uma sociedade excessivamente religiosa no qual colocou o pensamento feuerbachiano à marginalidade da reflexão filosófica, ou seja, pôs o seu pensamento na fogueira, porque é um pensamento perigoso para a religião teologizada; só é um perigo pela noção diferenciada que há entre o que a tradição entende por Deus e religião, que é diferente de Feuerbach, porque colocaram para fora o que não estava.

Do ponto de vista filosófico, Feuerbach, desenvolve o naturalista-humanista contra o sobrenaturalismo subjetivista do cristianismo, que é, ao mesmo tempo, a proposta de uma nova filosofia. Ele o faz enquanto trata de resgatar o que para ele é seu núcleo humano, supostamente deformado pela fantasia e pelo sonho da religião, bem como, pela teologia e pela especulação filosófica. Este seu humanismo-naturalista é o que se compreende como sendo virada antropológica e do homem como novo ser supremo para o homem, Feuerbach quer ser ao mesmo tempo o filósofo do laço do eu com o outro e também o filósofo da realidade sensível, quer recuperar nossa sensualidade.

A postura crítica para com a religião, e com a filosofia especulativa, acarretou em seu ostracismo intelectual que é uma consequência de uma iniciativa feita por Kant³⁶, pois este estabeleceu em sua *Crítica da razão* pura os limites entre a razão em seu uso empírico, com isso tem-se início “no pensamento alemão uma revolução que dificilmente encontrará o seu paralelismo na história” (BRANDÃO, 2007, p.7). Por consequência da crítica iniciada por Kant só vemos duas saídas: “legitimar o pensamento humano como algo que só encontra o seu elemento elaborável no campo ideal e fenomenológico” (BRANDÃO, 2007, p.7), como

³⁶ Estamos colocando isto na conclusão porque não é de nossa intenção discursar sobre o presente assunto.

seguidores desta orientação, temos pensadores como Fichte, Schelling e Hegel; ou defender a tese de que o conhecimento é apenas uma representação de causas inconscientes profundíssimas, como os desejos e os instintos em que vemos alguns nomes se destacarem como Schopenhauer e Hartmann. E dessas duas linhas de pensamento dá-se um encontro posterior, pois de Hegel surgiu, numa negação do idealismo, o materialismo (Feuerbach, Strauss, Bauer, Stimer e Marx) e de Schopenhauer surge Nietzsche, e não há dúvidas de que dele emergem os pressupostos da atual psicanálise (Freud e Jung), no qual tem-se bastante pontos em relação com o materialismo.

No contexto desta tradição crítica alemã, temos Feuerbach “queimado” como seu nome lhe sugere, pois criticar a instituição religião num período onde ela é totalmente influente é assinar o seu divórcio com as universidades da Alemanha. Esta sua condição de crítico da religião lega a ele uma condição de filósofo de importância considerável, não mera ponte entre Hegel e Marx, mas um pensador, muitas vezes, não muito claro, que abala o pensamento do seu contexto e atinge a filosofia do século seguinte. Abala o seu contexto, pois ele consegue fazer algo que até então parecia impossível: quebrar o sistema, como afirmações de que “nada existe fora da natureza e dos homens” (ENGELS, 1977, p.87), e aquilo que é tido enquanto ente divino nada mais é do que criações da nossa imaginação. O homem é afirmado como o verdadeiro ser e, também, aquele que cria essas fantasias; ele está colocado como o critério de verdade, no qual só existe aquilo que o homem de fato pode conhecer.

E ao refletirmos sobre esta busca de afirmação do homem podemos perceber que essa problemática perpassa toda a filosofia de Feuerbach, porque o problema antropológico é tanto religioso como filosófico. O nosso objetivo foi o de apresentar a religião como sendo positiva e essa tida como positiva busca afirmar o homem real; mas deixando claro que há duas formas de compreender a religião, como se percebe ao ler *A essência do cristianismo*. Quando passamos a observar essas duas características da religião, e a partir da definição da religião no sentido positivo, podemos perceber que já se busca uma afirmação do homem como centro ou epicentro de todo o discurso filosófico do pensador, pois ele é o ser que aliena e o ser que objetiva a sua essência; ele é o ser real que se contrapõe ao ser ideal dos filósofos especulativos; ele é o ser de relação consigo mesmo e com o outro e por fim é o ser sexuado e corporal.

Para justificar a nossa hipótese partimos do surgimento da religião como um sentimento de dependência e de uma diferenciação entre alienação religiosa e objetivação. Esta parte do texto nos faz refletir a importância da religião na sociedade; não vista apenas como uma instituição de grande poder, mas como essencial para a vida das pessoas, uma vez que estamos constantemente nos deparando com problemas que envolvem a religião. A manifestação religiosa é algo inato ao indivíduo, e isso Feuerbach tinha consciência, o problema não era a religião e sim o que a teologia fez com a religião.

Ainda buscando justificar a nossa hipótese, passamos a discutir a sua nova filosofia, que se constrói a partir de uma crítica à filosofia especulativa e à teologia, bem como uma redução da filosofia em antropologia. Houve a necessidade de negar para construir, negar Hegel e a religião teologizada, para afirmar o problema da filosofia como sendo o problema antropológico. Essa valorização do homem vai possibilitar reflexões significativas noutros filósofos, como Nietzsche, no qual dá um valor imensurável na vida terrena e coloca outro ser no lugar de Deus, o *Übermensch*. Ao desferir uma crítica à filosofia especulativa Feuerbach passa a fazer de um grupo seleto de pensadores, no qual se tornaram muito forte no século XX; os pensadores que querem aniquilar o pensamento metafísico e críticos da forma como o Estado está organizado. O idealismo hegeliano se encaixa perfeitamente com o absolutista Federico Guilherme, o que acarreta como consequência à crítica feita ao sistema como um todo: uma nova forma de se pensar a política e a ética; o repensar a política passa pelo repensar o próprio homem, uma vez que o surgimento do Estado está atrelado com “a crença no homem como Deus do homem” (FEUERBACH, 2002, p.17) e a sua reflexão acaba atingindo a ética, um agir que é determinado pela realidade.

Em diversos momentos do trabalho podemos perceber este determinismo ético de Feuerbach, que é um abandono do agir universal; somos determinados pela matéria, porque ela é condição necessária para a existência da religião, por isso, o centro da sua ética está na sua crítica à religião. Como consequência, afirmamos que o homem não é radicalmente livre, pois sua condição é a natureza. A abordagem da liberdade moral aparece na obra feuerbachiana como um pressuposto condicional da argumentação moral. Ao homem é possível jogar com as forças determinantes que nele atuam.

Por fim, a afirmação do homem só é completa quando nos deparamos com a sua essência individual, o amor; com a comunidade e corporeidade. Porque o amor demonstra que

ele é um ser limitado composto de sentimento e se relaciona com o concreto, deixando de lado todas as especulações formuladas pela razão; ele é o impulso do diálogo, o próprio ser real, corpóreo que no diálogo abre caminhos para o encontro com o outro e se reconhece no outro; uma vez que no doar-se ao outro o homem se realiza, é no encontro com o outro que nos tornamos humanos e este encontro com o outro faz com que reconheçamos que somos sensíveis, limitados e de carne e sangue, seres corporais e sexuais. A sexualidade atrelada ao problema antropológico é uma característica que marca o homem em sua totalidade, e a importância dada a este tema em Feuerbach faz nos percebermos um pouco de Feuerbach no pensamento de Freud.

Em suma, embora não tenha sido o objetivo principal do texto, vale dizer que Feuerbach é mais do que um pensador de transição entre Hegel e Marx; um pensador que ainda continua a influenciar o pensamento contemporâneo com suas colocações a respeito da religião, do homem, da filosofia. As suas críticas devem ser levadas a sério, pois foi um dos primeiros a fazer uma desconstrução à religião e um dos críticos mais severos à tradição filosófica especulativa; podemos considerá-lo como sendo o primeiro mestre da suspeita. A tradição filosófica e religiosa se depara com um pensador explosivo, único que busca repensar a tradição e acusá-la de grandes erros; e em seus textos podemos perceber que ele é um autor que gosta de provocar a tradição.

REFERÊNCIAS

OBRAS DE LUDWIG FEUERBACH:

FEUERBACH, L. *A essência do Cristianismo*. Trad. José da Silva Brandão. Petrópolis: Vozes, 2007a.

FEUERBACH, L. An Carl Riedel. Org. por W. Schuffenhauer. Berlin: Akademie-Verlag, 1982c, GW, 9.

FEUERBACH, L. *Aportes para La Critica de Hegel*. Trad. Alfredo Llanos. Buenos Aires: Editorial La Pleyade, 1974.

FEUERBACH, L. *Das Wesen der Religion*. Org. por W. Schuffenhauer. Berlin: Akademie-Verlag, 1982, GW, 10.

FEUERBACH, L. *Das Wesen des Christentums*. Org. por W. Schuffenhauer. Berlin: Akademie-Verlag, 1982, GW, 5.

FEUERBACH, L. La diferencia entre la divinización de los hombres en el paganismo y en el cristianismo. In: *Escritos en torno a La esencia del cristianismo*. Madrid: tecnos, 2007b.

FEUERBACH, L. Lá esencia de la fe según Lutero. Una contribución a La esencia del cristianismo. In: *Escritos en torno a La esencia del cristianismo*. Madrid: tecnos, 2007c.

FEUERBACH, L. *La esencia de la religión*. Trad. Tomás Cuadrado Madrid: Páginas de Espuma, 2005.

FEUERBACH, L. *La filosofía del porvenir / Critiva de la filosofía de Hegel*. México, D. F.: Roca, 1976.

FEUERBACH, L. *Leibniz*. Org. por W. Schuffenhauer. Berlin: Akademie-Verlag, 1982, GW, 3.

FEUERBACH, L. *Preleções sobre a essência da religião*. Trad. José da Silva Brandão. Campinas: 1989.

FEUERBACH, L. *Princípios da filosofia; Necessidade de uma transformação*. Trad. Adriana Veríssimo Serrão. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2005.

FEUERBACH, L. *Vorläufige Thesen Zur Reformation der Philosophie*. Org. por W. Schuffenhauer. Berlin: Akademie-Verlag, 1982c, GW, 9.

FEUERBACH, L. *XIENE satirico-teologiche*. Traduzione dl tedesco di Fabio Bazzani. Firenze: Editrice Clinamen, 2000.

FEUERBACH, L. *Zur Kritik der positiven Philosophie*. Org. por W. Schuffenhauer. Berlin: Akademie-Verlag, 1982, GW, 8.

FEUERBACH, L. *Vorlesungen über das Wesen de Religion*. Org. por W. Schuffenhauer. Berlin: Akademie-Verlag, 1982c, GW, 6.

OBRAS DE OUTROS FILÓSOFOS CLÁSSICOS:

AGOSTINHO. *Confissões*. Trad. Oliveira Santos e Ambrósio de Pina. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2003.

AGOSTINHO. *Confissões; De Magistro*. Tradução de J. O. Santos; A. Pina & A. Ricci. Nova Cultural: São Paulo. 1997. (Coleção Os pensadores)

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Qu'est-ce que la philosophie?* Paris: Les Éditiones de Minuit, 2005.

DESCARTES. *Discurso do método*. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ESPINOSA, B. Ética demonstrada à maneira dos geômetras. In: *Espinoza* São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Col. Os Pensadores)

ENGELS, F. Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã. In MARX; ENGELS. *Textos I*. São Paulo: Edições Sociais, 1977.

FREUD, Sigmund. *Moisés e o monoteísmo*. Trad. de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996, Vol. XXII.

HEGEL, G. W. F. *Ciência da lógica*. Tradução de Marco Aurélio Werle. São Paulo: Barcarolla, 2011.

KANT, I. *Crítica da Razão Pura*. Trad. Valério Rohden e Udo Baldur Moosburger. São Paulo: Abril Cultural, 1987.

MARCUSE, H. *Razão e revolução: Hegel e o advento da teoria social*. Tradução de Marília Barroso. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2004.

MARX, K. *O capital; crítica da economia política*. Trad. de Rubens Enderlé. São Paulo: Boitempo, 2013, Livro I.

MARX, K. *Crítica da filosofia do direito de Hegel; Introdução*. Trad. de Rubens Enderlé e Leonardo de Deus. São Paulo: Boitempo, 2005.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. Trad. de Luis Claudio de Castro e Costa. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SPINOZA, B. Principi della filosofia di Cartesio. In *Tute le opere*. Traduzioni di Mariaelena Buslacchi, Alessandro Dini, Gaetano Durante, Simona Follini e Andrea Sangiacomo. Milano: Bompiani, 20011.

SPINOZA, B. *Trattato Teologico-Politico*. In Tute le opere. Traduzioni di Mariaelena Buslacchi, Alessandro Dini, Gaetano Durante, Simona Follini e Andrea Sangiacomo. Milano: Bompiani, 20011.

OBRAS DE COMENTADORES:

ALBINATI, A. S. Feuerbach: fundamentos para uma ética da sensibilidade. In: *Revista Dialectus*, nº6, pg. 75-84, Fortaleza, Janeiro-Agosto de 2015.

ALEIXO, A. *Ludwig Feuerbach: Um Manifesto Antropológico*. Covilhã: Lusofia, 2009.

BARROS, J. O conceito de alienação no jovem Marx. In: *Tempo Social, Revista de Sociologia*, USP, v. 23, n. 1, São Paulo 2011.

BERTI, Enrico. Aristote dans les premières critiques adressées à Hegel par Feuerbach, Marx et Kierkegaard. In : THOUARD, Denis. (Ed.). *Aristote au XIXe Siècle*. Villeneuve d'Ascq: Presses du Septentrion, 2004.

CHAGAS, E. A religião em Feuerbach: deus não é Deus, mas o homem e/ou a natureza divinizados. In: *Revista Dialectus*, nº4, pg. 78-91, Fortaleza, Janeiro-Julho de 2014.

CORTÁZAR, B. *La antropología de Feuerbach y sus claves*. Madrid: Ediciones Internacionales Universitarias Madrid, 1999.

ESPÍNDOLA, A. Sentido da crítica à religião no pensamento de Feuerbach. In: *Revista Dialectus*, nº6, pg. 85-106, Fortaleza, Janeiro-Agosto de 2015.

LÖWITH, K. *De Hegel a Nietzsche*. Tradução de Flamarion Caldeira Ramos. São Paulo: Editora da Unesp, 2014.

NICOLAU, M. F. A. A crítica feuerbachiana da filosofia especulativa e sua verdade terrivelmente séria em “princípios da filosofia do futuro”. In: *Griot – Revista de Filosofia*, Amargosa, Bahia – Brasil, v.2, n.2, dezembro/2010.

RAMBALDI, E. *La critica antispeculativa di L. A. Feuerbach*. Firenze: La Nuova Italia, 1966.

RANIERI, Jesus. *Trabalho e dialética; Hegel, Marx e a teoria social do devir*. São Paulo: Boitempo, 2011.

SARTÓRIO, L. A. V. *A Antropologia de Feuerbach e alguns delineamentos acerca de uma possível influência no pensamento de Marx*. Dissertação (Mestrado em Filosofia). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2001.

SERRA, J. *Alienação*. Covilhã: Lusofia, 2008

SERRÃO, A. A essência da religião em geral: uma análise da Introdução a *Das Wesen des Christentums* de Ludwig Feuerbach. In: *Ensaio Filosóficos*, Volume X, Rio de Janeiro, dezembro/2014.

SERRÃO, A. V. *A humanidade da razão: Ludwig Feuerbach e o projeto de uma antropologia integral*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1999.

SOUSA, A. L. *Questão de método em Ludwig Feuerbach: Da Carta a Karl Riedel aos Princípios da Filosofia do Futuro*. Tese (Doutorado). Porto Alegre: Pontifício Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2013.

SCHÜTZ, R. *Religião e capitalismo: uma reflexão a partir de Feuerbach e Marx*. Porto Alegre : EDIPUCRS, 2001.

TOMASONI, F. *Feuerbach e la dialettica dell'essere*. Firenze: La Nuova Italia, 1982.

WEBER, Joseph C. Feuerbach, Barth, and Theological Methodology. *The Journal of Religion*, Chicago, v. 46, n. 1, p. 24-36, 1966.

WEISCHEDEL, W. *A escada dos fundos da filosofia*. Tradução de Edson Dognaldo Gil. São Paulo: Editora Angra, 2006.

WOOD, A “Alienation”. In: CRAIG, E. (Org.), *Routledge Encyclopedia of Philosophy*. Londres e Nova Iorque: Routledge, 2005.

ZABATIERO, J. P. As relações entre Estado e Religião em Hegel. In: *Revista Sofia*, Vitória, Espírito Santo, Agosto/Dezembro, 2012.

ZILES, Urbano. *Filosofia da Religião*. São Paulo: Edições Paulinas, 1991.(Coleção Filosofia),